

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

ALINE KAZANJI MOLINARI

**O COMPLEXO DE ÉDIPO E SUA INFLUÊNCIA NA
ESCOLHA DO PARCEIRO AMOROSO:**

Uma perspectiva freudiana

SÃO PAULO

2012

ALINE KAZANJI MOLINARI

**O COMPLEXO DE ÉDIPO E SUA INFLUÊNCIA NA
ESCOLHA DO PARCEIRO AMOROSO:**

Uma perspectiva freudiana

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo José Carvalho da Silva.

SÃO PAULO

2012

“O que me encanta ao ler Freud, quando o compreendo, é sua força, sua loucura, sua força louca e genial de querer explicar qual é a fonte íntima que nos anima, a nós humanos. O prazer de ler Freud é descobrir que, para além das palavras, é de nós que ele está falando”.

O prazer de ler Freud - J.-D. Nasio

Para um grande amor da minha vida, minha mãe Sarita,
pela eterna reconstrução de nossa relação.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Sarita, por todas as nossas construções, desconstruções e por tudo o que nossa relação significa para mim. Por ter sido minha ouvinte e apoiadora em momentos difíceis, por seu companheirismo, compreensão, amor e amizade eternos.

Ao meu afilhado Pedro Paulo, pelo colorido que dá à minha vida e por ser uma constante fonte de inspiração em toda a minha caminhada.

A minha madrinha Simone, minha grande amiga, por sempre me fazer lembrar de que sou capaz, confiando e me prestigiando em todos os momentos da minha vida.

Ao meu pai Sérgio, por nossas conversas, sempre compartilhando sentimentos e fazendo com que suas palavras não me deixassem desistir de meus sonhos.

Ao amor querido do meu coração Rodrigo, por entender e me acolher em todos os meus momentos de tristeza e nervosismo. Por todos os momentos em que me incentivou e acreditou mais em mim do que eu mesma. Por tudo que compartilhamos, choramos e rimos juntos, por tudo o que ele significa para mim e pelo modo como me ama, fazendo com que a alegria apareça.

Aos meus queridos Camila, Daniel, Marjorie e Nathalia, por nossas constantes trocas de conhecimento e compartilhamento de angústia; e a todos os outros amigos pelos momentos de descontração.

A minha analista Thais, por sua escuta aguçada e por tudo o que o momento da análise proporciona para mim.

Aos professores Paula Regina Peron, Paulo José Carvalho da Silva e Regina Fabbrini, pelo modo como me apresentaram a Psicanálise, sendo grandes influências do meu encantamento pelo olhar psicanalítico.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar a influência do complexo de Édipo na escolha amorosa. Parte-se do fato de que o complexo de Édipo está na base da constituição do sujeito, assim com sua relação com o outro, é certo que os indivíduos levam uma bagagem da época de sua infância para sua vida adulta, dentro disto, tal sujeito carrega consigo as marcas da conflitiva, ele leva para sua vida as identificações que foram construídas após a saída do Édipo juntamente com o ideal de ego e o superego. Além disso, o narcisismo primário tem grande destaque no trabalho, já que o sujeito parece sempre ir ao encontro de algum protótipo do primeiro objeto de amor – a mãe. Baseado nisto, com a separação simbólica dos pais, o sujeito é capaz de fazer suas escolhas amorosas, buscando sempre um parceiro que, inconscientemente, possa lhe trazer novamente a satisfação plena perdida, juntamente a isso, as escolhas deste sujeito são formas de tentativas de reedição da conflitiva edipiana. Portanto, o modo como a criança passa pelo Édipo, a maneira como internalizou os pais, possui direta relação com suas relações/escolhas amorosas. A parte prática é constituída pela análise de seriados, abordando mais afundo o seriado “Two And a Half Men”, partindo da premissa de que pela via humorística o caráter negativo de certo assunto pode acabar se tornando menos angustiante. Este trabalho será realizado através de uma pesquisa bibliográfica, baseada na abordagem psicanalítica e somente usando Sigmund Freud como autor.

Palavras-chave: Complexo de Édipo; Escolha amorosa; Narcisismo; Superego; Identificação; Ideal de Ego; Psicanálise.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	p.06
2. Método.....	p.12
3. Capítulo I.....	p.13
4. Capítulo II.....	p.26
5. Análise.....	p.36
6. Discussão.....	p.52
7. Referências bibliográficas.....	p.55

INTRODUÇÃO

Dentre os diversos fazeres do psicólogo clínico está pesquisar o amplo tema do amor. Em meio a outras abordagens que utilizam a investigação do fenômeno a partir de sua origem, a escolhida foi a abordagem psicanalítica, já que esta investiga o fenômeno a partir de uma única causalidade: a psíquica. Assim, é necessário não se ofuscar diante do aspecto inconsciente de tal elemento.

Evidencia-se que o complexo de Édipo, embora seja um conceito formulado há anos atrás, continua sendo estudado por diversos autores, mostrando assim, sua importância, esta que é fundamental na constituição do sujeito. O complexo de Édipo aparece como representante de possíveis implicações psíquicas posteriores no sujeito, as fixações incestuosas de tal conflitiva parecem se presentificar na vida deste ao longo de sua vida, exercendo grande força em seu inconsciente. Além disso, é do objetivo deste trabalho também estudar a questão das escolhas amorosas que aparecem sempre em nossa sociedade, já que vemos nos sujeitos uma (aparente) eterna busca pelo parceiro ideal, sem saber muito sobre o que este realmente significaria. O interesse aparece a fim de saber o que e quais fatores influenciam esta escolha, ou seja, o que é abordado é como o complexo de Édipo aparece nesta escolha do objeto de amor de cada sujeito. É importante ser ressaltado que é também do interesse deste trabalho o estudo somente na perspectiva freudiana.

O Capítulo I se dirige a compreender e percorrer a conflitiva edipiana e abordar, além desta, momentos anteriores a ela. No início da vida, a criança dirige-se para si como objeto e centro do mundo, passando pelo momento do narcisismo primário, que posteriormente se divide entre o que é ela de fato e o que são os objetos exteriores. É neste momento que se afirma que o primeiro objeto de amor da criança é o seio materno, já que este fornece à criança a nutrição que necessita. Este objeto se amplia para a mãe, fazendo com que seja agora o objeto de satisfação do bebê. Freud (1905, p. 203) é citado por Besset (2007) em seu trabalho e menciona que Freud propõe como paradigmático de todo vínculo de amor o elo inicial entre o lactante e o seio materno. Esse modelo de felicidade perdida mantém-se como referência na escolha dos objetos amorosos posteriores. Desse modo, "*a criança aprende a amar outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades*" (Freud, 1905/2006, p.210). Isto leva a pensar a incontestável idéia da constituição do sujeito a partir da presença do outro, necessitando sempre de um *outro*.

O complexo de Édipo possui funções fundamentais na construção da subjetividade do sujeito e, portanto, é importante que se reflita acerca deste momento, no qual se inicia a organização da sexualidade e da vida amorosa do homem. A conflitiva tem seu início a partir da fase fálica, e é vivida por uma criança que possui aproximadamente quatro anos de idade. Visto que as diferenças anatômicas constituem um Édipo diferenciado para ambos os casos, ou seja, não há paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino, o trabalho trata de ambos os casos. Segundo Freud (1925/2006): “*enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração*” (p. 285).

O menino deseja possuir a mãe, ao mesmo tempo em que cultiva sentimentos hostis em relação ao pai, já que este a possui. Este desejo de possuir um dos pais se constitui como um desejo incestuoso que nunca será saciado, e seu objetivo é o de alcançar uma satisfação total e completa que foi perdida, de acordo com Freud (1933/2006, p.122): “*mais parece que a avidez da criança pelo primeiro alimento é completamente insaciável, que a criança nunca supera o sofrimento de perder o seio materno*”. Neste sentido haveria uma relação de fusão entre o genitor e a criança. O apogeu do complexo de Édipo no garoto se dá quando ele precisa fazer uma escolha, diante do temor da castração: abandonar a mãe sexualizada em troca da preservação de seu falo. Diante disto, o menino escolhe proteger o pênis (demonstrando seu narcisismo) e abandonar a mãe. Com isto, ele está renunciando à mãe e funcionará o mecanismo do recalque de seus desejos e suas fantasias, ao mesmo tempo em que está identificando-se com o pai, sendo este um modelo de homem¹. Já que não pode ter como objeto de seu desejo, a criança adequa os pais como objetos de seu eu. Assim, ele estará livre para relacionar-se com outros objetos que deseje, dessa vez com possibilidades reais, ou seja, o menino pode, finalmente, dirigir-se para outros parceiros escolhidos fora de seu âmbito familiar, isto só é possível por sua separação simbólica de seus pais.

Um fato de extrema importância é o de que anteriormente, tanto o menino quanto a menina, pensam que possuem o pênis (para a menina o clitóris porta-se como o órgão genital masculino), sendo este o órgão universal durante a fase fálica (esta que estaria sendo vivenciada), além de não haver diferenças entre genitais, também não há

¹ As catexias de objeto são substituídas por identificações.

entre gêneros. Assim o que importará neste momento será o ter ou não ter o falo. Conforme manuseia seus genitais, as crianças descobrem que o pênis não é comum a todos e inicialmente negam o fato, para as meninas o falo ainda crescerá e posteriormente se deparam com a realidade do fato de que não o possuirão. Os meninos pressupõem que alguém tirou o pênis das meninas e temem que tal fato aconteça com eles também. E com isto se dá o medo da perda do falo para os meninos e o sofrimento por não ter o falo, do lado das meninas.

Na menina, como já citado, a conflitiva desenvolve-se de outra maneira. Primeiramente, ela vive uma “fase pré-edipiana”, na qual deseja possuir a mãe somente para si, tal fase constitui em uma fase de ligação inteiramente exclusiva à mãe (esta fase diz muito sobre as posteriores relações da garota). É importante lembrar que a fase pré-edipiana possui mais importância do que o esperado, já que:

“Durante esta fase são feitos os preparativos para a aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais. É também nessa identificação que ela adquire aquilo que constitui motivo de atração da mulher em paixão.”
(Freud, 1933/2006, p.120).

Porém, quando a menina percebe que não possui o falo, culpa a mãe por tal fato. Assim se dá o início do afastamento da garota e sua mãe, e diante disto, Freud coloca algumas relações, tais como ciúmes de uma nova criança, a menina acusa sua mãe de não lhe alimentar corretamente, a mãe que incentivou o manuseio de seu genital e depois proibiu. Ainda de acordo com ela, uma mãe ontem onipotente e que agora se revela impotente para lhe dar um falo que ela própria não tem e nunca teve. É neste momento que a garota se distancia de sua mãe e vai ao encontro de seu pai, na tentativa de encontrar o que sua mãe não pôde lhe dar, o falo (tendo aí o pai como objeto de desejo); a menina ainda tem outra missão: a de deslocar sua zona erógena do clitóris para a vagina. O desejo de possuir o falo é substituído pelo desejo de ter um bebê de seu pai, e assim inicia-se o complexo de Édipo na garota.

“O menino desiste da mãe porque tem medo de ser punido em sua carne, ao passo que a menina (...) abandona a mãe que a decepciona e volta-se para o pai” (Nasio, 2007, p.36).

Neste período, com a mudança de objeto é que vemos um sentimento hostil contra sua mãe, já que se tornou a rival da criança, esta que recebe do pai tudo o que dele deseja. Como o desejo de ter um filho do pai não é possível de ser realizado, inicia-

se a volta da figura da mãe, deslumbrando a filha com sua feminilidade, sendo admirada como modelo de mulher e mulher amada (já que é a mulher de seu pai), assim identifica-se com ela. A saída deste momento pode ocasionar algumas consequências: um primeiro desenvolvimento seria o ‘complexo de masculinidade’, renunciar à sua sexualidade ou ainda pode desenvolver-se de outro modo, o que o autor chama de “atitude feminina normal”, quando adota o pai como objeto de amor. Da mesma maneira que no menino, a menina internaliza seus pais sexualizados e está aberta para seus futuros parceiros.

Vale ressaltar que pode acontecer de o menino se identificar com uma posição feminina, e que isto pode se modificar a ponto de ele voltar a se identificar com uma posição masculina (o que é mais comum para o homem). Ao mesmo tempo, pode acontecer também de o menino retroceder e se identificar com a mãe, podendo ser chamado de homossexualidade (para que isto, o fato deve ocorrer na puberdade, antes disto não é possível fazer tal afirmação). E assim pode acontecer com a garota ao passo de que pode se identificar com uma posição masculina, porém só se pode afirmar isto com a vinda da puberdade.

O Capítulo II se preocupa em abordar questões que ficam com a saída do complexo de Édipo. Alguns conceitos abordados são: identificação, superego e o ideal de ego. Neste capítulo também é explicitada as escolhas de objeto: narcisista e anaclítica. Portanto o capítulo expõe certa continuidade do complexo de Édipo nas escolhas amorosas.

À medida que internaliza os pais, a criança os dessexualiza e transforma as catexias objetais em identificações, detém os progenitores como exemplos a serem seguidos, introjeta a autoridade deles incorporando certos aspectos paternos. Após a saída do Édipo, o superego é formado, permitindo que os indivíduos se insiram na comunidade social. A identificação tem seu lugar destacado também, já que, de acordo com Freud (1921/2006, p.115), “*a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa*”.

Seguindo os padrões, o menino “gosta” de ser como seu pai e de tomar seu lugar, assim, pode-se concluir que seu pai é tomado como um ideal (pode ser que o garoto de identifique com uma posição feminina). O ideal de ego representa o que devemos de ser para sermos amados, é a instância que guia o ego de cada sujeito, fazendo com que cada um crie seu modelo e ideal de perfeição. O ideal de ego leva consigo a questão da identificação. É a identificação juntamente com a conflitiva em

questão que representam a constituição do desejo sexual do sujeito - “*a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo.*” (Freud, 1921/2006, p. 115). A identificação permite ao sujeito que se constitua a partir da internalização de traços dos pais. O superego é considerado o herdeiro do complexo de Édipo. É dito ao sujeito como ele deve ser, mas é função do superego lhe dizer o que não deve ser, sendo o superego o representante da lei paterna, a qual interdita a relação entre a mãe e o filho.

A partir daí, os sujeitos se deparam com uma preocupação relacionada a esta separação simbólica em relação a seus pais, para enfim tornarem-se membros da sociedade e serem capazes de buscarem um objeto de amor que seja possível, não mais as figuras paterna ou materna. Sodré (2003) indica que a qualidade e o nível do desenvolvimento das rela es nucleares de objetos internalizados possuem rela o direta com o sucesso de rela es amorosas. Assim, vê-se a escolha objetal infantil como o início das escolhas que o sujeito fará ao longo de sua vida. Na fase da puberdade, “*onde os objetos incestuosos familiares são retomados mais uma vez e novamente catexizados com a libido*” (Freud, 1916/2006, p. 340), já que   na fase fálica que as pessoas já se deparam com catexias libidinais dirigidas a uma única pessoa, e   baseada nesta que buscam encontrar seus objetivos. A questão   a de que o jovem, em sua puberdade, não abandona o amor que sente pela mãe ou pelo pai, mas sim identifica-se com este(a), se transforma e vai em busca de objetos possíveis que, de acordo com Freud em “*Psicologia do grupo e análise do ego*” (1921/2006, p.118), “*possam substituir o seu ego para ele*” e que o sujeito possa ter amor tal como recebeu de seu progenitor.

O sujeito deixa o complexo de Édipo com suas identifica es, e isto determinar  as posteriores escolhas de objeto. Seu narcisismo primário se afasta para que a libido seja deslocada em dire o a um ideal de ego. A satisfa o   encontrada quando se realiza este ideal. Assim, em certas escolhas amorosas, o objeto de amor serve como substituto para um inatingível ideal de perfei o. A masculinidade e a feminilidade são configura es a serem construídas através das identifica es, especialmente daquelas procedentes da vivência edipiana. Tudo indica que o momento da escolha amorosa resgata um traço do objeto de amor incestuoso a fim de buscar a completude narcísica; a escolha de objeto de amor se d  através das instâncias ideais.

“Nós o amamos por causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir dessa maneira indireta, como meio de satisfazer nosso narcisismo.” (Freud, 1921/2006, p. 122).

Por fim, a Análise se detém em, primeiramente, explicitar o conceito de humor para Freud – a atitude humorística é o momento em que o sujeito sente prazer, sendo este prazer em um sentido “catártico”, pode tornar alguns assuntos para o sujeito menos angustiantes. A intenção de introduzir o conceito é a de que é possível se tratar de assuntos delicados para o sujeito via humor. Dito isto, o trabalho finaliza com a análise do seriado “Two and a Half Men”, este que trata via humor de escolhas amorosas dos personagens enquanto que aborda suas relações com os pais.

É visto que tal assunto está presente em muitos momentos e lugares da sociedade, portanto, levando todos os fatores explicitados aqui, conclui-se que é da perspectiva deste trabalho que, analisar a questão da escolha amorosa pela ótica da conflitiva edipiana é mais do que justificável, é inescapável.

MÉTODOS

Tendo como objetivo de pesquisa compreender a conflitiva edipiana e sua contribuição na escolha do parceiro amoroso, a proposta a ser utilizada baseia-se na teoria psicanalítica, mais precisamente, nas obras de Sigmund Freud e seus seguidores que o releram, mas sem modificá-lo, somente escrevendo de modo mais simplificado sobre o assunto, analisando e utilizando-os. Portanto, tal pesquisa baseia-se em uma revisão bibliográfica. A pesquisa bibliográfica constitui como inspiradora de fatos a serem observados e também para sistematizar conhecimentos dentro de determinado tema.

“A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema requer dados muito dispersos pelo espaço.” (Gil, 2002, p. 45).

E ainda:

“A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisual: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.” (Lakatos & Marconi, 2001, p. 183).

A presente pesquisa tem como objetivo maior familiaridade com o problema, com o intuito de torná-lo mais explícito ou construir hipóteses. Pode-se afirmar que este tipo de pesquisa tem como objetivo o aprimoramento das idéias colocadas. Sendo assim, é flexível, possibilitando que aspectos variados apareçam ao longo da problemática estudada.

CAPÍTULO I.

COMPLEXO DE ÉDIPO

“Assim, para pensar o adulto que somos. Assim como a criança edipiana, percebemos a escalada do desejo pelo outro, forjamos fantasias, sentimos prazer com o nosso corpo ou o corpo do outro, temos medo de ser superados por nossos impulsos e aprendemos, finalmente a refrear nosso desejo e nosso prazer para viver em sociedade.”

Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa - J.-D. Nasio

O complexo de Édipo compõe uma das problemáticas fundamentais da teoria psicanalítica, é na cena edípica o momento decisivo da constituição do sujeito. É a partir daí que o sujeito irá se estruturar e se organizar em torno da diferenciação dos sexos e frente à angústia de castração, assim pode-se dizer que é o processo de formação da identidade sexual. Todos os indivíduos passarão ou passaram por tal conflito, pois ele é típico do humano.

O tema do complexo de Édipo aparece desde os primeiros anos da psicanálise, mas, se é que podemos dizer que haja um conceito definitivo, este é construído somente nas últimas obras de Freud. O que se quer dizer é que não é possível considerar tal conceito como único, já que Freud o desenvolve durante toda sua obra, sendo reformulado de acordo com novas questões que o autor coloca ao longo dos anos. Além disso, tal tema está presente em muitos dos escritos do autor, mesmo que nunca tenha dedicado ao Édipo uma apresentação sistemática. De acordo com Miguez (2007),

“A obra freudiana será extensamente visitada para identificar problemas que nela se colocam, bem como respostas que o autor vai elaborando, novos interrogantes que aparecem, evidências de que “Complexo de Édipo” não quer dizer a mesma coisa quando descrito em Interpretação dos Sonhos (sem nome ainda) e quando é mencionado, por exemplo, em O Ego e o Id” (p.23-24).

Como uma introdução à postulação do conceito, podemos citar que em 1897, em uma carta a Fliess, Freud afirma, a partir de sua auto-análise, seu abandono da teoria da sedução, que até então ele supunha estar na origem da histeria. Freud constata que as cenas de sedução relatadas por suas pacientes como sendo cenas reais da infância eram fantasias e, com isto, levantou-se a suspeita da ocorrência de desejos sexuais incestuosos da criança (sexualidade infantil). Freud percebe que não eram os pais que

possuíam desejos sexuais pela criança, mas sim a criança para com os pais, ela que desejava os possuir e fantasiava em relação a isto². Miguelez (2007) postula: “*Poder-se-ia dizer que a teoria da sedução trazia já nela o que viria a ser o Complexo de Édipo, trocando o sujeito pelo objeto, e vice-versa*” (p. 25). A partir daí vemos uma aproximação ao conceito do Édipo, neste momento tido como um modelo positivo e heterossexual, ou seja, tanto os meninos quanto as meninas possuíam sentimentos de ternura pelo progenitor do sexo oposto (de acordo com Freud, sentiriam-se atraídos) e sentimentos hostis para com o progenitor do mesmo sexo (modo considerado mais comum aos sujeitos).

Com o surgimento dos conceitos de narcisismo e identificação, estes que serão tratados ao longo do trabalho, tal conflitiva passa a ter maior dimensão, pois é no âmbito do ego que o complexo de Édipo passará a ter sua significação completa. A escolha narcisista de objeto e a identificação refletem-se no ego, colocam a possibilidade de esboçar a constituição do próprio ego, assim o Édipo vai assumindo um papel de base para tais conceitos. Neste momento, podemos citar “Caso Schreber” e “Homem dos Lobos”, estes serviriam para uma formulação mais completa, pois serviram como base para o descobrimento da forma homossexual e “negativa” da conflitiva.

Pensando no tema a ser trabalhado, foi escolhido iniciá-lo a partir da escolha primária de objeto, já que é a partir desta que se dá início a toda a história das escolhas amorosas dos sujeitos, além disso, para entendermos o que acontece na fase edípiana é necessário que se faça um retrocesso, iniciando no momento em que se pode intitular dos primórdios da relação do sujeito com um objeto, um momento anterior ao complexo edípico.

Antes mesmo do nascimento da criança, há uma série de expectativas e sonhos colocados sobre o bebê. Os pais encaram o bebê como prolongamento de si e então desejam que o filho realize sonhos que estes não conseguiram realizar, com isto, percebe-se que os pais revivem o próprio narcisismo por meio do bebê. Assim, logo de início já ocorrem marcas das fantasias e projeções parentais. No início da vida da criança e antes mesmo de se dirigir a objetos exteriores, toma a si como objeto de amor e centro do mundo, além disso, diz respeito a uma convicção da criança sobre sua

² Na verdade, o que Freud postula é sempre uma fantasia da criança, e não o ato sexual por assim dizer.

onipotência. O bebê se satisfaz sem necessitar de objetos externos (auto-erotismo). Neste momento inicial, a criança não possui diferenciação entre si e o Outro. Quinodoz (2007) afirma a postulação de Freud de que existe, no início da vida da criança, um investimento procedente do ego, que é chamado de narcisismo primário, um estado de completude. Mais tarde, parte deste narcisismo se dirigirá para objetos exteriores à criança, mas que este investimento do ego continua por toda sua vida, constituindo a libido do ego e a libido do objeto, onde quando uma possui mais libido a outra menos. Ao afirmar isso é importante dizer que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele.

“Se procurarmos concretizar o momento da constituição desse estado, já em Freud encontraremos variações. Nos textos do período de 1910-15 esta fase é localizada entre a do auto-erotismo primitivo e a do amor de objeto, e parece contemporânea do aparecimento de uma primeira unificação do sujeito, de um ego. Mais tarde, com a elaboração da segunda tópica, Freud conota pelo termo narcisismo primário um primeiro estado da vida, anterior até mesmo à constituição de um ego, e do qual a vida intra-uterina seria o arquétipo. A distinção entre o auto-erotismo e o narcisismo é então suprimida[...]” (Laplanche e Pontalis, 2008, p. 290).

Em Teoria das pulsões, Freud pontua que, o objeto constitui-se como objeto da pulsão quando, através deste, a pulsão consegue atingir o que almejava, este objeto é o que garante a satisfação. Em sua primeira teoria das pulsões, Freud indica que as pulsões sexuais se apóiam, primeiramente, sobre as pulsões de autoconservação, vemos que a relação presente nos primeiros momentos de vida é estabelecida com os objetos responsáveis pela conservação da vida do sujeito, satisfazendo-o sexualmente. Sobre os objetos de satisfação das crianças pequenas, Freud afirma que *“as primeiras satisfações sexuais auto-eróticas são experimentadas em relação com funções vitais que servem à finalidade de autopreservação. Os instintos sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos do ego.”* (Freud, 1914/2006, p.94). Vemos isto já que, neste momento, a criança encontra-se na fase oral³, na qual a libido se encontra na região da boca.

Ainda que os instintos sexuais separem-se dos instintos do ego, encontra-se indícios da conexão de ambos pelo fato do seio materno ser considerado posteriormente como o primeiro objeto de amor da criança (a origem está ligada à necessidade de nutrição), o fato é que este objeto é “ampliado” para a figura da mãe (devido ao fato da

³ As fases de organização da libido são momentos lógicos e não cronológicos e evolutivos.

mãe ser o objeto total, e o seio o objeto parcial), visto que “[...]os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua.” (Freud, 1914/2006, p.94). E ainda,

“A mãe deposita no bebê toda sua devoção e investimento exclusivo no momento da amamentação. O bebê, por sua vez, obtém um prazer sexual oral além de satisfazer sua necessidade e se sentir cuidado, protegido e amado pela mãe. O amor envolve, necessariamente, uma relação com o outro, inicialmente a mãe. Ela constitui uma imagem de um ser desvalido que proporciona ao bebê um cuidado amoroso, que, momentaneamente, o completa e o livra do sentimento de desamparo.” (Amado, 2003, p. 31).

O corpo possui necessidades que se manifestam através de tensões, estas que só podem ser amenizadas, neste momento, por intermédio de um outro que é um algo externo que faça com que o bebê mantenha-se vivo. A mãe faz a função deste outro, que traz para a criança uma vivência de satisfação, pois não só alimenta a criança, mas juntamente com isso, cuida dela e desperta nela inúmeras sensações (excitações) ao tocá-la, acariciá-la e também ao cuidar de seu corpo. Ao fazer isso, vai erotizando o corpo do bebê, fazendo emergir um corpo erógeno, que é investido libidinalmente, e assim vai se constituindo sexualmente.

Visto isso, de acordo com Freud (1910), no momento em que as primeiras satisfações sexuais são experimentadas juntamente com as funções que são necessárias para a sobrevivência, os instintos sexuais encontram seus objetos primários ao afeiçoarem-se às críticas feitas pelos instintos do ego. Os instintos sexuais da criança, que visam a satisfação, reúnem-se em torno deste objeto de amor, fazendo com que seja responsável por reduzir sua tensão. Assim sendo, o objeto primário que toma o lugar para a criança como primeira escolha objetual é a sua mãe consistindo em uma relação que pode ser considerada simbiótica. Por essa mãe, a criança constrói um amor ilimitado, que exige sua posse exclusiva, mais adiante isto precisará de proibições com o intuito de impedir que esse amor infantil persista e se realize (já que isto não é permitido devido à proibição do incesto).

Posteriormente, na fase anal, a sensação de prazer ou desprazer está ligada à expelir ou reter as fezes, um fato a ser ressaltado é que nesta fase é que a criança tem a ‘noção’ de ativo e passivo, mas não ainda do masculino e feminino (as posições ativa e passiva não foram suficientes para explicar a diferenciação dos sexos), assim dizendo a diferenciação entre os sexos. É na fase anal que a criança deixa a posição passiva para a

ativa, lembrando que estas são posições objetais, já que a criança nunca é passiva, pois faz experimentações com o corpo, sendo sempre considerada ativa neste aspecto. Também é importante recordar que a posição ativa nada tem a ver com uma questão de sexo, assim como a posição passiva nada tem a ver com o sexo feminino, a ativa também não tem analogia direta com o sexo masculino.

Aproximadamente aos três ou quatro anos de idade, as zonas erógenas se modificam para a área genital, chamamos esta próxima fase de fase fálica, justamente pelo fato de que o objeto de principal interesse da criança (de ambos os sexos) é o falo, assim o que acontece não é justamente a primazia dos órgãos genitais, mas sim a primazia do falo⁴. É importante ressaltar que a noção de fase fálica não fez parte dos “*Três ensaios sobre a sexualidade infantil*”, mas que posteriormente Freud dará a esta fase um valor essencial, já que é nela que as diferenças entre as posições de masculino e feminino irão se constituir (diferenciação de gênero e não anatômica – como se constitui homem e mulher, e não o que é ser ambos de fato). E isto acontecerá frente às posições em relação ao falo: ter e não ter. Neste momento também não há a diferenciação dos órgãos genitais, sendo o pênis o único. É com a entrada em cena do falo que a falta é instaurada, pois até então o que vigorava era uma completude (esta completude será posteriormente procurada através de um outro que terá de ser reencontrado). A falta colocada aqui é devido ao fato de as crianças perceberem que alguns possuem o pênis, mas outros não, e quem o possui pode perdê-lo. Assim, é a partir deste momento que o sujeito se posicionará frente à falta, constituindo os gêneros.

“Hoje não mais me satisfaria com a afirmação de que, no primeiro período da infância, a primazia dos órgãos genitais só foi efetuada muito incompletamente ou não o foi de modo algum. A aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto. Mesmo não se realizando uma combinação adequada dos instintos parciais sob a primazia dos órgãos genitais, no auge do curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse nos genitais e em sua atividade adquire uma significação dominante, que está pouco aquém da alcançada na maturidade. Ao mesmo tempo, a característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo.” (Freud, 1923/2006, p. 158).

⁴ As fases do desenvolvimento sexual infantil não desaparecem totalmente, a passagem de fases significa mais uma integração.

É importante discorrer sobre o fato de o complexo de Édipo ter sido tratado, a priori, por Freud como invariável para ambos os sexos: anteriormente menino e menina não foram diferenciados quanto à questão da conflitiva, mas isto é reformulado pelo autor a partir de sua formulação da fase fálica e do complexo de castração. É a partir daí que as questões edípicas serão diferenciadas. A conflitiva epidiana diz respeito à uma criança que adota o progenitor do sexo oposto como seu objeto de desejo, deseja possuí-lo e ao mesmo tempo possui sentimentos hostis em relação ao progenitor do mesmo sexo. É necessário ressaltar que o que foi dito é sobre o complexo edípico mais comum, dito positivo/heterossexual. Ainda sobre o Édipo e levando em conta o amor incondicional pela mãe, tal momento seria uma passagem da posição de objeto para uma posição de sujeito. Ou seja, tomando a posição de sujeito, a criança acreditaria que poderia ter todo o amor do objeto e isto seria o que ganhariam por deixar a posição de objeto único da mãe. O falo representaria esta possibilidade de possuir todo o amor do objeto. Além disso, é a partir do Édipo que é construída a identidade sexual, dando fim à posição de sujeito único, o único que possui o objeto amado.

Anteriormente, vimos que a criança desenvolveu uma catexia objetal por sua mãe, toma esta como seu primeiro objeto amoroso. No caso do menino: ele identifica-se com seu pai, inicialmente sem sentimentos de rivalidade, essa identificação possui um cunho afetivo. Mais tarde, seus desejos sexuais pela mãe se intensificam a tal ponto que o pai torna-se um obstáculo nesta relação filho-mãe, e assim inicia-se o complexo de Édipo do menino. Esta identificação adquire um tom hostil, quando a criança deseja se livrar do pai justamente pelo fato de que ela gostaria de ter sua mãe somente para si e, com a presença do pai, isto fica em jogo, então esta presença vira um estorvo⁵.

Segundo Freud (1917), o menino alegre-se quando seu pai sai de viagem ou não está em casa, ao mesmo tempo em que fica abalado quando o pai não dá carinho à mãe, ele também promete casar-se com ela. Enfim, a relação com o pai se torna ambivalente, já que a hostilidade se junta com a identificação inicial. É importante ressaltar que pode o menino pode se identificar com uma posição feminina, porém isto não é permanente, uma vez que ele pode se identificar com uma posição masculina posteriormente em seu desenvolvimento. Porém, o menino pode dar continuidade a esta identificação com a

⁵ Pelo fato da mãe satisfazer a todas as suas necessidades, o menino tem medo de que ela venha a se interessar por outra pessoa, e então busca evitar tal situação por conta de seu narcisismo.

posição feminina o que, posteriormente, pode ser considerado homossexualidade, se isto continuar no curso de seu desenvolvimento até a puberdade.

Como dito já anteriormente, o pênis segue como o principal órgão, o genital feminino ainda é misterioso, o menino faz de seu pênis seu objeto narcísico, possui orgulho de tê-lo. A pesquisa sexual é típica deste momento, os meninos e as meninas passam a se descobrirem por meio à manipulação de seus genitais. As crianças chegam à descoberta de que o pênis não é comum a todas as pessoas, elas descobrem isso por uma visão acidental de genitálias de outras pessoas, principalmente de órgãos genitais femininos e da manipulação dos genitais acima referidos. Tal fato acaba por lhes despertarem dúvidas que serão solucionadas repetindo as observações, já que perceberam algo de diferente.

Por perceberem a ausência de um pênis na menina, que é um ser humano semelhante a ele, os meninos primeiramente negam esta diferença de órgãos genitais e posteriormente passam a ter medo de perderem os seus, pois no imaginário acreditam que as meninas possuíam o pênis, mas alguém o tirou delas, e o mesmo pode lhes acontecer, assim tem início a angústia de castração nos meninos. Outro elemento que conduz para tal angústia é sua atividade de manipulação com os órgãos genitais, já que esta é uma atividade deste momento. Tal manipulação serve como descarga de excitações sexuais e os meninos recebem a desaprovação dos pais e ainda, têm medo de serem punidos por produzirem este tipo de atividade, ainda assim este medo é tomado como inconsciente.

Devido à ameaça de castração, o menino se vê diante de duas escolhas: abandonar o desejo de possuir a mãe, aceitando que esta “pertence” a seu pai, preservando assim seu pênis ou o perde. Diante do interesse narcísico dos meninos por seus órgãos genitais, ocorre um conflito entre este interesse e a catexia libidinal de seu objeto de amor (mãe). Portanto, sob o medo de perder o pênis, ao final do complexo de Édipo, o menino abandona e dessexualiza suas catexias libidinais voltadas pela mãe. Após isto, o que pode acontecer é o menino identificar-se com a mãe ou intensificar sua identificação com o pai, que é mais comum. Deste modo o garoto abandona os investimentos objetivos e os substitui por identificações. Além disso, a autoridade do pai é introjetada permitindo a formação do núcleo do superego (este que é constituído pelo ‘empréstimo’ da severidade do pai, além de concretizar o interdito do incesto).

Contrastando o Édipo no menino, Freud coloca que o Édipo se dá de maneira um pouco diferente na menina, uma vez que esta possui uma fase pré-edípiana⁶ (o menino não precisa mudar de objeto amoroso, por este ser o mesmo – a mãe). Além disso, como foi visto, o complexo de Édipo nos garotos é seguido pelo complexo de castração, mas nas meninas, é a partir da constatação da castração que se inicia tal conflitiva, ou seja, elas ingressam no Édipo a partir da posição de já castradas. Antes mesmo de começar, é importante expor a fase pré-edípiana falada acima que em que a menina possui uma intensa e exclusiva ligação com a mãe, possui amor incondicional por ela. Este momento é de extrema importância devido ao fato de que, depende disto, a posterior mudança em direção aos homens que a menina fará, e ainda, é inevitável que haja certa repetição em suas relações (ou seja, a maneira como a relação com a mãe é dada pode dizer muito sobre a relação que terá a posteriori), de acordo com Freud (1933/2006):

“quase tudo o que posteriormente encontramos em sua relação com o pai, já estava presente em sua vinculação inicial e foi transferido, subseqüentemente, para seu pai, em suma, fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-edípiana à mãe.” (p. 120).

Tão importante quanto a fase pré-edípica é o afastamento que posteriormente deve ocorrer em relação à mãe, visando dar continuidade no desenvolvimento da criança. A menina deve fazer dois deslocamentos: troca de zona erógena e de objeto de amor. Primeiramente, em relação à mudança da zona erógena, vemos que o clitóris é sua principal zona genital nesta fase (fase fálica), é fonte de prazer. Mas para avançar no desenvolvimento em busca da feminilidade, o clitóris deve substituir sua importância para a vagina (até a puberdade o último órgão é desconhecido e a satisfação sexual se dá apenas pelo clitóris). Freud coloca aqui que a bissexualidade é mais presente na vida sexual das mulheres do que na dos homens, já que elas possuem duas zonas sexuais: a vagina (órgão sexual) e o clitóris (equivalente ao pênis). Dando continuidade ao afastamento da mãe, a troca de objeto amoroso entra em cena – a menina passa a voltar-se para o pai e o mesmo torna-se seu novo objeto de amor. A hostilidade em relação à mãe acompanha esta fase do desligamento entre ambas, em seu texto Freud (1933/2006) relata:

⁶ Freud chega a afirmar que o menino também possui uma fase pré-edípiana, porém não possui maiores informações.

“Uma poderosa tendência à agressividade está sempre presente ao lado de um amor intenso, e quanto mais profundamente a criança ama seu objeto, mais sensível se torna aos desapontamentos e frustrações provenientes desse objeto; e, no final, o amor deve sucumbir à hostilidade acumulada.” (p. 158).

Diante disto, ficam dúvidas sobre a verdadeira causa do afastamento da filha em relação à mãe, diz Freud. Os fatores podem ser simplesmente devido ao caráter da sexualidade infantil. Alguns motivos podem ser citados, tais como: ciúmes de um novo bebê (a menina acusa a mãe de lhe dar pouco leite, isto mostra que a criança nunca sacia seu interesse pelo alimento primário, ou seja, vemos que ela nunca supera a perda do seio materno) ou de outra pessoa; devido ao fato da mãe ser impossibilitada de realizar os desejos sexuais da criança a menina é incapaz de conseguir satisfação completa, causando certo desapontamento; a mãe desencadeou a manipulação do órgão genital de sua filha (causador de prazer na mesma) e depois proibiu. O complexo de castração é tido como outro fator, de acordo com a menina, a mãe falhou em lhe dar o órgão genital que é considerado por ela como superior (já que seu órgão genital é considerado desprezível por ela), ou seja, culpa a mãe por não possuir o pênis e sente-se desprivilegiada e injustiçada. É importante destacar que, primeiramente, o clitóris faz a função do pênis para ela, mas tudo muda quando ela faz comparações de acordo com suas pesquisas sexuais.

Ao ela descobrir que o menino possui um órgão genital diferente do dela, muitas meninas rejeitam tal fato e acreditam que o pênis ainda crescerá, acreditam que ele ainda é pequeno e por isso não o vêem. Após isto, acabam por concluir que já o tiveram, mas em algum momento ele fora tirado como punição (esta é uma das possibilidades, as outras serão expostas abaixo). De acordo com Freud (1933), a menina possui inveja do pênis (tal inveja que poderá deixar marcas permanentes em sua vida se não for superada). A garota entende a castração como pertencente a si própria e não sendo comum a outras meninas, somente mais tarde descobrirá que é comum a todas as mulheres e quando descobrir que sua mãe também não possui o pênis, a genitora será desvalorizada perante a filha, uma vez que o amor da menina era para uma mãe que possuía o falo.

Como foi observado anteriormente, a constatação da castração, além de ter grande participação na “separação” da filha em relação à mãe, também colabora para o desenvolvimento de sua feminilidade, pois a partir daí a garota possui três alternativas. A primeira que levaria a renúncia da vida sexual e aversão a esta, a garota segue

aborrecida com o clitóris. É imprescindível lembrar que a menina viveu até então de uma “maneira masculina” e o prazer era concentrado na masturbação clitoridiana, porém com a inveja do pênis ela acaba por perder tal prazer, deste modo renunciando a sexualidade.

A segunda alternativa diz respeito a uma mudança de comportamento na menina levando a um complexo de masculinidade, já que é parte de sua masculinidade que está sendo ameaçada na comprovação de que não possui o pênis. Nesta linha de desenvolvimento a garota se nega a aceitar a castração e se dedica à atividade nos clitóris (já que este substitui simbolicamente o pênis). Além de prender-se a esses outros aspectos, ela ainda crê que terá um dia o pênis e isto se torna o foco de sua vida. Pode ser que haja uma consequência neste tipo de alternativa, devido ao complexo de masculinidade, a mulher pode possuir uma escolha de objeto homossexual, porém esta não será definitiva neste momento.

Com suas pacientes, Freud constata que o homossexualismo da mulher nunca ou quase nunca é devido à masculinidade infantil, pois a criança deve voltar-se para o pai e iniciar o complexo de Édipo para posteriormente decepcionar-se com ele e assim retornar à mãe, como ocorrido anteriormente em sua fase pré-edípica (porém, não mais da mesma forma de anteriormente). Finalmente, a terceira linha de desenvolvimento nos diz sobre o início da feminilidade normal, onde o pai é tomado como objeto de amor.

Portanto, a menina só ingressa no complexo de Édipo, após ter superado (se é que se pode dizer em superação total, já que o complexo de castração nunca é totalmente apagado para ela) todas estas etapas onde era totalmente ligada à mãe. Ao renunciar à mãe, a menina volta-se para o pai. Existe uma compensação simbólica, ela substitui a vontade de obter o pênis por a de ter um filho de seu pai (de certo modo mantém-se o desejo de ter o pênis, porém de forma mais sutil, seria como se ter um filho indeniza-se a menina por não ter tido o órgão genital masculino). Com isto, volta-se para o pai como seu objeto de amor e possui sentimentos de hostilidade em relação à mãe (tais sentimentos foram intensificados, pois já estavam presentes), tornando-a rival da garota já que possui o pai e tudo o que a menina deseja dele. Por não possuir o pênis, torna-se supérflua.

Como o pai não pode dar um filho para a menina, ela deseja ser o falo do pai, deseja ser sua favorita. Para isto, retoma-se a identificação com a mãe (identificação que já existia anteriormente ao Édipo, porém neste momento o amor pela mãe é diferente do modo como era no período pré-edípico), a mulher desejada do pai sendo vista como

modelo de feminilidade. Ao mesmo tempo, pode ser que outro caso ocorra: a menina não aceita a mãe como modelo de feminilidade, então ao ter de abandonar sua ligação com este pai, ela acaba por se identificar com ele, retomando seu complexo de masculinidade, e pode ser ainda que ela não saia dele (só se pode afirmar de fato uma homossexualidade com a puberdade). Além disso, a saída do complexo de Édipo pode também ter outras consequências como: empobrecimento egóico ou ferida narcísica.

Parece que são as posições masculina e feminina que definem se a conclusão do complexo de Édipo será via identificação com o pai ou com a mãe. Enfim, com a finalização do Édipo para ambos os sexos, vemos as catexias objetais sendo abandonadas e sendo substituídas por identificações – as catexias são transformadas em sentimentos de afeto pelos progenitores. Uma vez que a criança de ambos os sexos não pode ter os pais como objetos de desejo, não pode tê-los sexualmente, ela os toma como objetos de seu eu, deseja inconscientemente ser ou ter alguém como eles, ou seja, internaliza seus pais, introjeta a autoridade do pai ao ego.

A criança incorpora características parentais e por meio desta incorporação o menino ou a menina integra os interditos dos pais. O que foi descrito tem o nome de superego, é a partir desta instância psíquica que se iniciam os processos que possibilitam ao sujeito encontrar seu lugar na sociedade. O modelo de proibição surge com a formação do superego, que é instaurado pelas identificações com as instâncias parentais que ocorrem no final do complexo de Édipo. O superego da menina foi colocado em prova em alguns momentos da obra de Freud pelo fato de que ela já é colocada como castrada e desprovida do falo, portanto não tem o que perder e nem o que temer. As meninas não possuem o peso da castração em suas costas, porém, Freud afirma que, embora não elas tenham medo da castração, elas possuem medo de perder o amor do outro, constituindo assim o núcleo do superego nelas também.

Após a fase fálica e o declínio da sexualidade infantil, entra em cena a fase de latência, que permanece até o início da puberdade. A fase de latência marca certa diminuição das atividades sexuais, pausa na evolução da sexualidade. Atitudes do ego como repugnância, repulsa, vergonha também fazem parte deste momento. Aspectos morais surgem especialmente neste período. Vale ressaltar que as crianças recalcam a fase anterior em relação à suas experiências sexuais, produzindo certa amnésia. As crianças permanecem focadas em outras atividades, colocando suas energias nas interações sociais que passam a ter com outras crianças, entrando no mundo social e entrando em contato com outras pessoas fora do círculo mãe-pai. Ela estabelece

vínculos que irão ajudar a fortalecer sua identidade sexual. A criança também passa a ter novos referenciais de identidade, já que ela também modifica a maneira de se relacionar com os pais,

“A criança ainda permanece ligada a eles, mas por instintos que deve m ser descritos como ‘inibidos em seu objetivo’. As emoções que daí passa a sentir por esses objetos de seu amor são caracterizadas como ‘afetuosas’. Sabe-se que as primitivas tendências ‘sensuais’ permanecem mais ou menos intensamente preservadas no inconsciente, de maneira que, em certo sentido, a totalidade da corrente original continua a existir.” (Freud, 1921/2006, p.121).

Com o começo da puberdade, mudanças passam a ocorrer tendo em vista a entrada na vida sexual, esta caminha para sua configuração definitiva. É neste momento que a pulsão sexual do sujeito encontra um objeto real não sendo mais auto-erótica. Impulsos novos e intensos se dirigem a finalidades sexuais, buscam outras maneiras de satisfação, ao mesmo tempo em que, é na puberdade que os instintos sexuais voltam com toda a força, uma vez que estavam adormecidos na fase de latência. Os objetos anteriores de amor (os pais) são novamente catexizados e retomados. A fase genital tem aí seu começo, anteriormente ocorria a subordinação das zonas erógenas, mas agora ocorre a primazia genital. Com as mudanças que a puberdade proporciona, a diferenciação sexual se torna ainda maior, ou seja, a divisão entre masculino e feminino se torna forte neste momento. A menina modifica sua zona erógena do clitóris para a vagina, enquanto que o menino permanece com a mesma desde sua infância.

Além das mudanças ditas acima, Freud levanta outro aspecto que é o afrouxamento dos laços com os progenitores, o desligamento da autoridade dos pais. O adolescente agora tem uma missão, *“tem de se dedicar à grande tarefa de desvincular-se de seus pais.”* (Freud, 1917/2006, p. 340). Além disso, deve desligar seus desejos libidinais por sua mãe ou seu pai, objetos de amor que eram fantasiados por ele na fase anterior. Este aspecto é fundamental para que consiga se introduzir como membro da sociedade. Porém, além do desligamento simbólico dos pais, é necessário também que se afaste de seu narcisismo primário. Este afastamento é uma condição para o desenvolvimento do ego, porque é através da relação com objetos externos que a criança pode sobreviver.

Com tal desligamento, o jovem é capaz de procurar objetos de amor que não sejam seus pais, objetos reais e externos à família, podendo assim construir um relacionamento que seja possível de acontecer. É necessário que tais mudanças ocorram

para que não ocorram perturbações patológicas, como por exemplo, de acordo com Freud, inibições no desenvolvimento. Por fim, Freud (1905/2006, p. 196) explicita que *“a normalidade da vida sexual só é assegurada pela exata convergência das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta sexual: a de ternura e a sexual.”* A sensualidade não deve manter-se ligada aos objetos incestuosos, pois podem causar impotência psíquica, já que os objetos de amor em relação aos progenitores são supervalorizados, não dando vazão para encontrar ou valorizar outros objetos exteriores. Quando um objeto é supervalorizado, isto o aproxima dos objetos amorosos infantis, despertando assim sentimentos que guardavam pelos progenitores. Enfim, o adolescente deve ser capaz de unir a corrente sexual e a de ternura.

CAPÍTULO II.

ESCOLHA AMOROSA

“Eu passei muito tempo
Aprendendo a beijar outros homens
Como beijo o meu pai
Eu passei muito tempo
Pra saber que a mulher que eu amei
Que amo, que amarei
Será sempre a mulher
Como é minha mãe

Como é, minha mãe?
Como vão seus temores?
Meu pai, como vai?
Diga a ele que não se aborreça comigo
Quando me vir beijar outro homem qualquer
Diga a ele que eu quando beijo um amigo
Estou certo de ser alguém como ele é
Alguém com sua força pra me proteger
Alguém com seu carinho pra me confortar
Alguém com olhos e coração bem abertos
Para me compreender.”

Pai e Mãe – Gilberto Gil

Sabe-se que o jogo da escolha amorosa não é consciente, mas sim é dado inconscientemente, e que a relação mãe e filho nunca é “superada” ou esquecida. Portanto, neste trabalho a escolha amorosa designa-se com algo que não possa ser controlado, mas sim feita de acordo com possíveis determinações inconscientes que modulam a tipologia da escolha amorosa na vida adulta.

Foi visto no Capítulo I que o sujeito, ao final de seu complexo de Édipo, necessita se desvincular de seus objetos infantis para que possa se inserir em sua comunidade social. Além disso, com o afastamento de seu objeto primário de amor (o qual era responsável por sua satisfação), é necessário que o sujeito vá à busca de objetos de amor “reais” e desse modo ele revive os objetos de amor infantis, substituindo a catexia de um objeto para outro. Ademais, o sujeito sai com identificações com seus progenitores (pode acontecer de a identificação ser com o progenitor do sexo oposto ou

do mesmo sexo). Os vínculos objetais são substituídos por identificações juntamente com isto, a autoridade paterna é introjetada, perpetuando a proibição do incesto e formando o núcleo do superego, impedindo o retorno dos vínculos objetais incestuosos.

“Notamos que na perspectiva freudiana o amor está no centro da construção subjetiva. É a partir da vida amorosa infantil que se desenrola toda a estruturação do sujeito, o que engloba desde a orientação sexual até as marcas mais singulares do desejo.” (Toledo, 2002, p. 67).

É através do processo de identificação que os investimentos parentais são abandonados e recalçados, originando a constituição do ego do sujeito e possibilitando seu desenvolvimento. Uma vez que se enamorar por um outro só é possível se ocorrer a desvinculação dos pais (objetos infantis), Amado (2003) afirma que se apaixonar se relaciona com certo amadurecimento, pois assim o indivíduo pode reviver tal relação com o progenitor, já que as catexias objetais renunciadas pela criança se repetirão ao longo de sua vida (com suas devidas transformações). Vale ressaltar que a identidade permite ao sujeito se perceber como membro de um contexto social e se apropriar disto. Uma boa internalização do objeto (ou seja, boa relação com os objetos infantis) permitirá que a construção desta identidade (via identificação) ocorra. O processo do encontro com este “novo” objeto seria um reencontro com aquele objeto primário que trazia tanta satisfação, já que o protótipo das relações amorosas é a imagem que a criança tem do seio da mãe. Isto acontece porque,

“Os neuróticos ou não foram capazes de libertarem-se totalmente das condições incestuosas da infância, ou regridem para esta fase. Portanto, as fixações incestuosas da libido se presentificam ou permanecem desempenhando grande força no inconsciente dessas pessoas.” (Amado, 2003, p. 42).

Freud (1921) aponta que existem três casos de identificação. A primeira seria a identificação primária, esta representa uma função anterior ao complexo de Édipo, é um preparo do garoto ao complexo edípico. Neste momento, o menino quer ser como o pai, tomando este como seu ideal. O segundo tipo de identificação pode ser ilustrada através do caso que Freud cita de uma menina que adquire uma tosse, sendo esta um sintoma que sua mãe possuía; ela, portanto, desenvolve o mesmo sintoma que a mãe. Diante disso, o autor interpreta tal sintoma da menina como uma identificação vinda do complexo de Édipo, podendo significar uma concretização do desejo de ocupar o lugar da mãe, sendo o pai o objeto de desejo. Assim, o desejo de assumir o lugar da mãe, de certa forma, é concretizado. Outro caso deste mesmo modo de identificação é a

identificação com o objeto amado. Neste tipo pode-se ser citado o caso Dora, esta que imitava a tosse de seu pai e assim, adotava um aspecto do objeto amado, ou seja, internalizava um traço deste. Nos dois casos, percebe-se que, via identificação, há a internalização de traços do objeto através do processo de regressão. Por fim, o terceiro tipo descreve o exemplo de uma moça de um internato que recebe uma carta que lhe desperta ciúmes e conseqüentemente sofre uma crise histérica. Algumas de suas amigas adquirem a mesma crise por estarem sob controle do sentimento de culpa, pois estas possuem o desejo inconsciente de também terem um romance secreto. Neste caso, vê-se que a pessoa se une a outra por algo que se percebe em comum entre ambas.

Ainda sobre a identificação, pode-se comentar sobre o homossexualismo masculino (citado algumas vezes neste trabalho). O menino esteve vinculado fortemente com sua mãe por muito tempo antes de se desvincular dela e se abrir para outros objetos. Diferentemente do que foi visto, ele pode se recusar a se desligar de sua mãe, transformando a catexia objetual por ela em uma identificação, de tal forma que passa a procurar objetos que de amor tomando a si mesmo como objeto, ou seja, toma como modelo si mesmo (o que será chamado de escolha narcisista de objeto, tal termo será abordado ao longo deste capítulo). Concluindo, o garoto *“transforma-se e procura então objetos que possam substituir o seu ego para ele, objetos aos quais possa conceder um amor e um carinho iguais aos que recebeu de sua mãe.”* (Freud, 1921/2006, p. 118)

Freud coloca diferenças entre a paixão e o amor. Enquanto que na paixão o objeto é colocado na posição do ego ideal (investindo o próprio narcisismo projetado no outro), parecendo não fazer a diferenciação entre eu e objeto e não havendo desta forma distinção entre ambos ocasionando uma sensação de total completude; o objeto no amor é colocado na posição do ideal de ego (que organiza as identificações do sujeito em torno da idealização narcísica e dos ideais coletivos), mesmo que haja certa idealização.

A paixão é considerada pelo autor como uma ‘doença’ narcísica, já que o sujeito almeja obter uma completude através do ser idealizado e ainda, revive sentimentos e experiências que ocorreram na infância em suas relações (tais como o desamparo ou sentimentos de cuidado); o sujeito ama por satisfação narcísica. Freud coloca a questão da supervalorização do ser amado a partir da diferenciação entre idealização e identificação, enquanto que o primeiro seria uma espécie de fascinação, onde o sujeito se submete ao objeto, no outro o ego introjeta o objeto para si mesmo levando atributos do objeto. Freud diz que esta supervalorização dá origem à paixão e ocorre quando a

libido narcisista passa do sujeito para o objeto, acarretando certo empobrecimento libidinal para o ego, já que há um predomínio de tal libido no objeto. Para concluir,

“É na seqüência de objetos investidos e abandonados no decorrer da vida que o ego vai se formando. Esses investimentos abandonados são substituídos por identificações. As primeiras, portanto, têm um efeito duradouro e ocorrem numa época em que o ego é ainda muito frágil. O crescimento e a constituição do ego se dão quando os investimentos objetivos são abandonados e retidos através do processo de identificação.” (Amado, 2003, p. 25).

Anteriormente, o ideal era o próprio sujeito (“sua majestade o bebê”), porém com a construção do narcisismo secundário⁷, o sujeito “perde este posto” e o objetivo agora seria ir ao encontro deste ideal, procurando um substitutivo também para seu narcisismo que foi abandonado na infância. Vale lembrar que, em alguns casos, o objeto amado é tomado como o próprio ego do sujeito e dessa maneira acontece um investimento narcísico em relação ao objeto (o amor pelo objeto é o substituto do narcisismo do sujeito), assim, vê-se que o objeto é parte do próprio ideal do sujeito, o objeto é amado justamente porque possui esses traços que o sujeito almeja.

O conceito de ideal de ego cruza com o conceito de identificação que foi visto acima. O ideal de ego é compreendido como uma instância psíquica resultante do narcisismo e das identificações com os pais (ou substitutos) e com outras influências sociais. Ele aparece como uma instância que nomeia os moldes de amor de identificação do sujeito através dos ideais das figuras paternas e dos ideais socioculturais. É um modelo simbólico a ser seguido pelo sujeito, uma referência ao ego, por tal motivo o ideal de ego pode ser considerado como intercessor do ego e do “ego ideal”. Com o afastamento do sujeito de seu narcisismo primário, o ego se desenvolve em direção a este ideal de ego.

“O ideal do eu vai funcionar fornecendo os modelos interiorizados de um sujeito, inicialmente, segundo os registros mnemônicos que as figuras parentais imprimiram nele e, posteriormente, outras pessoas que também atuaram como modelos de identificação.” (Andrade; Pinheiro, 2004, p. 303).

O ego ideal é uma instância construída com a relação entre mãe-bebê, é totalmente narcísica e impossível de ser obtida, sendo assim, é pelo “ideal de ego” que

⁷ É no narcisismo secundário que a criança deve aprender a lidar com a falta, sua libido se volta para objetos externos e deixa de se voltar para o próprio ego.

se busca o “ego ideal”. Tal instância se constitui a partir da mãe: esta doa ao filho suas expectativas, ela é uma projeção da mãe, é o que aquela criança representa e representou para a mãe. É a partir do desejo dessa mãe e do lugar no qual esta criança ocupa para ela. Assim, o ego ideal é o depositário de toda a idealização de perfeição, estado de plenitude do narcisismo primário. O ideal de ego é algo a ser alcançado, já que neste há uma tentativa de resgatar o narcisismo primário. Há, nesta instância, uma tentativa de moldar o ego ao modelo que foi tomado, juntamente com a questão de seu contexto cultural. Na frase “Você deveria ser assim” leva-se em consideração a identificação juntamente com a instância, já em “Você não pode ser assim”, há a junção com o superego, responsável pela proibição, impossibilidade de identificação primária por conta da interdição do incesto. Por fim, o ideal de ego é a instância psíquica que guia e indica o modelo e ideal de perfeição. O superego e o ideal de ego aparecem como complementares, produzem as diversas expressões dos sentimentos de moralidade, ideais e deveres.

A instância psíquica chamada superego diz sobre a interiorização das exigências e interdições parentais: “*o superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas*” [escolhas objetais do id] (Freud, 1923/2006, p.47). De acordo com o Laplanche e Pontalis (2008) em *Vocabulário da Psicanálise*, existem dois sentimentos que são resultados da tensão entre ego e superego – sentimento de culpa e sentimento de inferioridade – o último estaria relacionado com uma das funções do superego: ideal de ego. Ao mesmo tempo, há uma diferenciação: enquanto que o superego é formado pela imagem dos objetos temidos, o ideal de ego é formado pela imagem dos objetos amados. Além de tudo, o superego é inseparável da transmissão de uma determinada cultura, também é determinado pelos valores arraigados das primeiras relações de amor.

Discorrendo sobre melancolia, Freud (1923/2006) descreve que o abandono do objeto sexual pode ocasionar uma alteração do ego, que se modifica a partir da introjeção do objeto dentro de si. De acordo com Freud (1923/2006, p. 41), “*um objeto que fora perdido foi instalado novamente dentro do ego, isto é, que uma catexia do objeto foi substituída por uma identificação*”. Visto isso, pode-se dizer que tal substituição modela o ego e possui um suporte fundamental para a construção do caráter. Para exemplificar o que foi descrito, Freud (1923/2006) descreve o caso de mulheres que passaram por um número considerável de experiências amorosas, e nessas

não é difícil encontrar marcas em seu caráter de suas catexias de objeto. Ao mesmo tempo, a identificação com o pai ou com a mãe que aconteceu antes de qualquer escolha de objeto, não acontece como dito acima, mas sim de uma maneira natural e direta.

Como visto, o ideal de ego, o superego e as identificações irão mover o sujeito a construir sua vida e buscar a realização de amor possível. Acerca de todas as questões já abordadas, um fato importante é que tudo acontece ao redor de uma questão: as escolhas do sujeito, de uma forma ou de outra, têm como referência os traços do objeto de amor incestuoso (que são preservados no inconsciente). Tais traços serão buscados nos objetos de amor possíveis, uma vez que a libido é retirada deste objeto incestuoso e está livre para ser investida em outros objetos. O complexo de Édipo aqui possui a função de marcar as representações que a criança possui dos pais, pois se parte do pressuposto de que as relações de amor que o sujeito possui ou possuirá repete certos protótipos das relações com seus pais na infância, tendo em vista que não repetirá sem mudanças, visto que o sujeito aqui é considerado como único e singular (capaz de montar sua própria história).

De acordo com Amado (2003, p.10): *“muitas vezes, os sentimentos infantis são inconscientemente reativados no momento da escolha, o que confirma nossa hipótese da não aleatoriedade do encontro amoroso.”*. Existe sempre uma busca de retornar para o momento do narcisismo primário, momento este de completude dado na relação entre a mãe e a criança. Freud trata do termo idealização como sendo comum no apaixonamento, e esta representaria a busca pela volta do narcisismo primário do sujeito, já que nesta idealização o sujeito tentaria atingir a perfeição através de um outro. A idealização é um processo psíquico que se caracteriza por uma grande valorização das características do objeto frente às características do sujeito, pode até ocorrer de o sujeito colocar o objeto idealizado em uma posição de perfeição.

Freud discorre acerca das duas maneiras de escolha de objeto, mostrando que, a partir do momento em que as pulsões sexuais e a de autoconservação se misturam, as pulsões passam a ter a mesma quantidade de libido, mas quando se separam ocorre a divisão da quantidade de libido: se certa quantidade de libido for retirada do sujeito, há maior investimento libinal no objeto e vice-versa. Portanto, a escolha amorosa é marcada pela libido do eu e libido do objeto, ainda que o sujeito possa intercalar entre ambas. Os dois tipos de escolha de objeto são a escolha de objeto narcisista e a anaclítica. No primeiro tipo de escolha objetal, o sujeito procura um parceiro que se pareça com ele, no sentido de amar alguém que possui características/traços que

gostaria de ter, ou algo que foi um dia, enfim, o sujeito ama a imagem de si próprio, o sujeito é o seu próprio ideal (o narcisismo deste sujeito é intensificado). Vê-se que desde o início da vida do sujeito que este possui o desejo de ser alguém para o objeto, vê-se a necessidade deste sujeito de ser desejado, possui a necessidade de ser amado. Tal modelo crê em uma junção entre o sujeito e o objeto como se ambos fossem uma única pessoa, assim como ocorre no narcisismo primário. De acordo com Freud, o modelo narcísico parece estar relacionado com o sexo feminino.

O outro tipo de escolha objetal é a anaclítica (de ligação). Primeiramente, Freud relaciona este modelo com o sexo masculino, o ideal de ego neste tipo de escolha está no objeto (o narcisismo primário da criança se transfere para o objeto, causando uma supervalorização sexual, portanto, diferente do tipo anterior, pois o ideal não se concentra no próprio sujeito, como dito na escolha narcisista). Com isto, de certa forma, o movimento do sujeito não é regressivo, mas sim progressivo. O sujeito aqui procura e ama o protótipo da mulher que o alimenta ou ainda, o homem que protege. Vale notar que não é pelo fato de que existem dois tipos de escolha amorosa que é estipulado uma ou outra, pode acontecer de uma se sobrepor a outra, além disso, em ambas existe o desejo de se recuperar o narcisismo primário perdido.

Nas duas escolhas de objeto abordadas acima, vê-se que, quando se ama, se ama a representação do objeto que o próprio sujeito faz, a imagem que se tem dele, não se ama a pessoa real (a reprodução que é feita do objeto pode não ser o que ele é realmente). Essas representações e imagens que são feitas, possuem relação com os traços da história individual de cada um, e principalmente com o Édipo vivenciado pelo sujeito e jamais dissolvido. Além desta não dissolução, Amado (2003) relata outra experiência que não é “esquecida”: *“ninguém perde inteiramente as necessidades que um dia experimentou através do relacionamento com a mãe. Elas persistem e acabam por favorecer a repetição de certos padrões de relacionamento (...)”* (p. 41). Para esboçar isto, Freud relata que o modelo de amor da criança pequena era a pessoa que satisfaz suas necessidades e a amparou. Foi visto que a figura materna desempenhou tais funções (e por ela construiu um sentimento de afeição), assim esta se tornou o primeiro modelo de amor do sujeito e é este modelo que o sujeito tenta reencontrar. O sujeito procura uma aproximação entre o objeto real (parceiro amoroso escolhido pelo sujeito), e o objeto incestuoso (de amor primário) via idealização.

“Segundo Freud em Sobre o narcisismo: uma introdução (1914), as escolhas amorosas da vida adulta são uma atualização da relação primária com as figuras parentais. Para o autor, a busca pelo objeto de amor representa uma tentativa do indivíduo de recuperar seu narcisismo infantil perdido a fim retornar à sensação ilusória de onipotência e completude vivenciada em sua relação primitiva com seu cuidador.” (Ferreira, 2010, p. 59).

A princípio, a sexualidade surge via satisfação das necessidades, ou seja, pulsão de autoconservação. A mãe amparava esta vertente pulsional e também a sensual que, conforme a criança ia se desenvolvendo, ela ia florescendo. Porém, se houve um afastamento em relação a este primeiro objeto de amor (figura materna), vê-se o desenvolver de duas correntes: afetiva e sensual. Estas necessitam ser combinadas para que haja um comportamento “normal” em relação ao amor. De acordo com Freud, a primeira é antiga, que aparecia nos primeiros anos de vida da criança, se dirige aos pais, aos cuidadores, ou seja, corresponde à escolha inicial de objeto do sujeito, esta que foi recalçada no período de latência.

Com a chegada da puberdade, a corrente sensual tem seu destaque (diferentemente da corrente afetiva que possuía seu destaque no período de latência), já que é neste momento que o sujeito deve ir à busca de um objeto próprio. Além disso, surgem novos objetos sexuais. O sujeito deve juntar as duas correntes visando obter um laço amoroso com o objeto. A corrente afetiva era, anteriormente, satisfeita pelo objeto de amor infantil, e agora o sujeito passa a amar alguém que possua traços como o de um de seus genitores, a dificuldade de construir o laço amoroso pode estar no momento em que este novo objeto de amor tome o mesmo lugar idealizado que tomava o objeto incestuoso, causando a depreciação do objeto amoroso (tal depreciação levada adiante causaria impotência psíquica, já que teoricamente as duas correntes não estariam em harmonia).

“A supervalorização do objeto, idealização, impede a satisfação, torna-a impossível. A impotência psíquica é sentida, de maneira geral, pela humanidade e a ausência da satisfação surge como base da sublimação” (Lopes, 2009, p. 51).

Existe um ponto a ser chamado a atenção: algumas mulheres que escolheram seus maridos conforme o modelo da figura paterna ou os colocaram no lugar desta figura, também podem repetir o relacionamento ruim que possuíam com suas figuras maternas: o marido, na verdade, é o sucessor do relacionamento da mulher com sua mãe e não com o pai. Devido à fase pré-edípica da menina que foi abordada neste trabalho como sendo uma fase de sentimentos afetuosos intensos pela mãe, agora adulta, a

mulher possui resquícios desta relação. Enfim, há uma reedição desta fase intensa com a mãe no relacionamento amoroso.

Parece que o sujeito sofre uma segunda “perda” (além da “perda” do objeto primário de amor: a mãe), com a saída do Édipo, ele deve renunciar ao seu objeto de amor, seja ele o pai ou a mãe. O amor edípico é renunciado, porém o processo de procura do objeto de amor que se iniciou na infância a partir da relação com a mãe tem seu reinício com o sujeito passando para o período da puberdade (após a fase de latência). O modelo de satisfação vai ser procurado nos objetos de fora do âmbito familiar, o que permite dizer que embora as escolhas objetais sejam únicas e singulares (assim como os sujeitos que as fazem), elas representam uma tentativa de reedição do complexo de Édipo de cada um (condição antecipada da escolha do objeto). Ao mesmo tempo, o relacionamento amoroso aparece como uma tentativa de enfraquecer o “fantasma da castração”, pois anteriormente não havia a sensação de vazio, a falta de outro não estava instaurada, pois a vivência da completude tomava conta da vida da criança, ou seja, naquele momento não havia a angústia da completude. De acordo com Amado (2003, p. 35), *“a busca do ideal pode ser, desta forma, compreendida como uma tentativa de preservarmos algo dessa perfeição narcísica da infância.”*

De acordo com Freud em *O Mal-Estar na Civilização* (1930/2006),

“A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas (...) Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem (...)” (p. 83).

Por isto, a busca pelo parceiro amoroso pode ser considerada, muitas vezes, como um caminho à tentativa de se buscar a felicidade total, conquista da completude, ainda que sejam ilusórias. Acredita-se que o objeto da relação irá apartar sofrimentos e será responsável por uma sensação de intenso prazer. A tentativa de ir a este encontro é falha, já que é justamente neste momento que o sujeito está ainda mais indefeso em relação ao sofrimento, a insegurança também aparece neste momento, pois há a possibilidade de perda do objeto de amor (assim como ocorreu nos anos anteriores à escolha de objeto fora do âmbito familiar). A rotulação do objeto como responsável pela felicidade completa do sujeito é errônea, é dado para uma pessoa algo que ela não pode segurar, algo que ela não precisa dar conta. A escolha amorosa como via para encontrar a felicidade almejada, causa dependência do objeto amoroso, busca-se no outro aplacar

o estado de desamparo. Mas o sujeito não alcança suas expectativas, pois tenta substituir algo que não é substituível, ele busca uma felicidade perdida nos anos de infância que não será encontrada.

“E embora a inserção na civilização imponha o abandono das aspirações de gozo absoluto, o amor continua a ser buscado nesses moldes, através das instâncias ideais. Nesse sentido, as expectativas amorosas do adulto não escapam deste cunho infantil. A escolha amorosa resgata sempre um traço do objeto de amor edipiano, e busca, na fusão com o outro, restaurar a completude narcísica.” (Toledo, 2002, p. 66).

A escolha amorosa aqui não é produto de uma relação de causa e efeito, as escolhas não aparecem tão deterministas desta maneira. Além disso, a escolha de objeto amoroso parece ser circunstancial, de modo que, levando o sujeito como singular, suas escolhas são únicas também. E sobre isso, Amado (2003) afirma *“o objeto amado será escolhido de acordo com as exigências fantasiosas de cada um. Porém, cada sujeito na sua subjetividade traz para a relação suas próprias expectativas e idealizações.”* (p. 48). Nas escolhas amorosas há aspectos retratados das ‘histórias’ psíquicas de cada sujeito, estas que são motoras para despertar o desejo em cada um, em que lugar o sujeito se coloca e em que lugar coloca o outro.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

“O humor nos permite ver, através do que parece racional, o irracional. Reforça nosso instinto de conservação e preserva nossa saúde de espírito. Graças ao humor, vicissitudes da existência tornam-se mais suportáveis; desenvolve nosso senso das proporções e nos revela que o absurdo ronda sempre em torno da exagerada gravidade.”

Charles Chaplin

A análise de conteúdo tem como objetivo relacionar o complexo de Édipo e a escolha amorosa com ilustrações humorísticas, usando como exemplos seriados e charges, mais especificamente analisando o seriado americano “Two And A Half Men”. Porém, antes disto, é importante trazer a conceituação do humor na Psicanálise, de modo a provar que também é possível falar em um tom humorístico sobre assuntos que merecem cuidados, ou melhor dizendo, assuntos que merecem sua devida importância e preocupação, que podem ter uma grande dimensão sobre o sujeito.

Em 1905, Freud escreve *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente*, com o objetivo de investigar a fonte de prazer que é obtida através do humor, ou seja, investigar o humor de um ponto de vista econômico. Segundo Freud, o humor surge no momento em que o sujeito, ao enfrentar uma situação que lhe ocasione afetos negativos, é mobilizado a amenizar tal sentimento, levando-o a fazer uma economia deste, isto é, o humor aparece como um diminuidor de tensão. Além disso, passar a existir também como substituto de afetos negativos, no sentido de que o sujeito economiza tal afeto ao produzir o humor em sua vida, ele serve como válvula de escape do sujeito. Ao mesmo tempo, de acordo com Lima (2004), o humor converte a energia gasta nestes afetos produzindo prazer, e por descarregar esta energia ele possui a função de defesa.

Freud se dedica em 1927 a escrever um artigo sobre o humor. Em *O Humor*, o criador da Psicanálise continuava com a idéia de economia de afetos negativos, porém complementou dizendo haver duas maneiras do humor ser atingido, e estas são: com si próprio tendo outra pessoa de espectador ou em relação com outras pessoas, para ambos os casos o humor aparece proporcionando prazer. De acordo com Freud (1927/2006, p. 166), “*como os chistes e o cômico, o humor tem algo de liberador a seu respeito, mas possui também qualquer coisa de grandeza e elevação, que faltam às outras duas maneiras de obter prazer da atividade intelectual*”. Freud continua dizendo que tal

grandeza diz também de uma “invulnerabilidade do ego”, já que este se protege das dores impostas em sua realidade e faz dessas dores/sofrimentos momentos para ele obter prazer. Dito isso, Freud questiona sobre então o que consistiria a atitude humorística, “*atitude por meio da qual uma pessoa se recusa a sofrer, dá ênfase à invencibilidade do ego pelo mundo real, sustenta vitoriosamente o princípio do prazer*” Freud (1927/2006, p. 167). Então ele se explica dizendo que na atitude humorística há um deslocamento de energia que passa do ego para o superego, e quando este último está inflado, faz com que o ego se torne insignificante, ou seja, há no momento do humor, uma prevalência do superego protetor, e assim o humor traz prazer. Sente-se que este prazer é de cunho “liberador” e “enobrecedor”, mostrando que o mundo pode não passar de um jogo de crianças, em vez de parecer tão perigoso.

É importante ressaltar que o inconsciente se faz presente também no cotidiano do sujeito, por exemplo, no humor. O humor e o riso são tipos de linguagem e modos de comunicação, que são a todo tempo evocados pelo sujeito. Além disso, o humor pode ser considerado uma forma terapêutica por tornar o cotidiano menos angustiante. É por isso que Freud (1927/2006) explicita:

“não há dúvida de que a essência do humor é poupar os afetos a que a situação naturalmente daria origem e afastar com uma pilhéria a possibilidade de tais expressões de emoção.” (p. 166).

Com isto tudo, quer-se dizer que por via do humor, pode-se dizer sobre assuntos considerados de extrema importância para o sujeito, tal como o que influencia a escolha amorosa do sujeito, relacionando-a com seus pais. Pela via do humor, o caráter negativo de um assunto pode acabar se tornando prazeroso, quando se vê sátiras, por exemplo, se pode ver ao mesmo tempo algo de sério. Slavutzky e Kupermann (2005) exemplificam o que foi dito:

“Numa brincadeira se pode dizer até a verdade”, diz Freud, o que expõe a relação do senso de humor com certa dimensão da verdade. O recurso ao “falei de brincadeira” ou “de mentira” costuma ser o artefato próprio do discurso corrente para desmentir precisamente essa implicação: a de uma verdade que pode ser dita pela mentira, quer dizer, “de brincadeira”. (p. 119).

Os temas complexo de Édipo e escolha amorosa estão muito presentes na elaboração dos mais diversos tipos de meios de expressão e são abordados, em certas vezes, como instrumentos que levam o sujeito a se identificar com alguns personagens. Foi visto que tais assuntos podem ser tratados de uma maneira caricata, assim como

alguns destes tais personagens, levando o público a pensar que tais temas são tomados como brincadeira, conteúdos que não são importantes; quando é ao contrário, mesmo que sejam caricatos, os seriados, filmes ou charges tratam de um tema crucial para o sujeito e que podem ser de difícil elaboração.

É importante que alguns exemplos sejam retratados para que se possa provar a importância do tema no campo do humor. Vê-se que as escolhas amorosas juntamente ao complexo de Édipo são mais complexas do que se imagina, há um jogo de identificações juntamente com a singularidade do sujeito implicado nisto. Para exemplificar o que é dito, foi escolhido algumas séries e filmes humorísticos.

O seriado “Uma Família da Pesada” (título original: “Family Guy”), retrata a história da família Griffin. Peter é um homem que não tem medo de dizer o que pensa, o problema é que diz nos momentos errados, levando-o a ser considerado sem discernimento e sem bom senso; é um homem entusiasmado, criativo (até demais) e atrapalhado. Lois é uma dona de casa moderna que encontra tempo para realizar outras atividades além do cuidado com a casa, apesar disso, ela pode se irritar extremamente em determinadas situações. Fazia parte de uma família rica, mas deixou tudo para trás para ficar com Peter (que era um garoto simples); e ela está sempre ao seu lado, e é a “voz da razão” para ele (mesmo que ele sempre lhe ouça quando já está metido em encrencas).

O casal possui três filhos: Meg é uma adolescente que se sente um “peixe fora d’água” e busca sempre aceitação, é alvo de piadas; Chris é um adolescente que está acima do peso e possui um grande coração, incapaz de ferir a uma mosca. É comilão e não tem muitos amigos, passa muito tempo em seu quarto sozinho (é atormentando por um macaco que mora em seu armário) e às vezes falando consigo mesmo; não é muito inteligente. Um fato importante sobre o personagem é que este idolatra seu pai, Peter; faz tudo para não decepcioná-lo, porém as expectativas de Peter em Chris são baixas. Chris é considerado uma versão mais jovem de seu pai. O filho mais novo é Stewie, um bebê diabólico que possui a pretensão de dominar o mundo. Ele se prometeu quando estava na barriga de sua mãe (que refere ter sido uma prisão em que ficou encarcerado), que quando nascesse ele venceria a “tirana matriarcal” dela. Por fim, também faz parte da família, o cachorro Brian. Considerado um personagem antropomórfico e é capaz de falar, estudar e é um cavalheiro; é o melhor amigo e conselheiro de Peter; o cão bebe ao mesmo tempo em que faz comentários inteligentes.

O episódio “Tom Tucker: The Man and His Dream” aborda, além de outro caso, o dia em que Chris leva a namorada para conhecer sua casa e sua família. O que acontece é que sua nova namorada é simplesmente idêntica à sua mãe, Lois. Enquanto que Lois elogia sua nova nora dizendo que é linda (assim como Chris), Brian e Stewie percebem a semelhança assim que a conhecem, dizendo que parece que Chris está saindo com sua própria mãe. Tudo indica que este caso ilustra um pouco do que é retratado neste trabalho, uma vez que o que no episódio Chris aparentemente se identifica com traços de seu pai, fazendo deste um ideal a ser seguido, ao mesmo tempo em que faz sua escolha baseada em traços maternos.

A série “Adorável Psicose” retrata a vida de Natalia, uma neurótica que possui um péssimo relacionamento com a mãe. Chama a atenção o fato que elas possuem a fisionomia bastante parecida. No episódio “A Mãe Psicótica”, Natalia Bárbara (mãe de Natalia) participa da sua sessão de terapia da filha juntamente com ela. Natalia inicia seu relato sobre a mãe de uma maneira positiva, mas aos poucos vai dizendo considerar a mãe controladora, além de que, para a mãe, tudo tem que ser de seu jeito e que isto é sufocante, ela lhe constrange e não tem limites; é descontrolada e histérica. Natalia diz que tem vontade de matar e estrangular a mãe, mas fora isso a relação das duas é boa. Sua mãe inicia o discurso sobre ela da mesma maneira e aos poucos vai dizendo que ela é irresponsável, não faz nada direito e que sua casa é desarrumada, e relata isto com o fato de a filha não conseguir um namorado, mas que elas se dão bem apesar disto.

Barbara chega sem avisar na casa da filha Natalia e já passa a criticar tudo, além de se colocar demais na vida da filha; ridiculariza a filha na frente dos amigos (Natalia diz achar que a mãe faz isso por sentir prazer). Natalia conta uma cena de sua infância que sua mãe arrumava seu cabelo de um jeito ridículo e que isso lhe causava desconforto (aparentemente até hoje). Ao final do capítulo, mãe e filha comprovam a relação ambivalente que possuem: a terapeuta (sarcástica e antiética) de Natalia lhe pergunta se ela acha que sua mãe é a responsável por ela ser psicótica, e diante disto, Natalia diz que não. No entanto, a terapeuta persiste: “mas ela não te expõe em publico, te ridiculariza e deprecia?”. A personagem principal diz que sim, mas que, apesar disso, ela é uma ótima mãe. A terapeuta pergunta à Barbara se ela acha que Natalia é narcisista, descontrolada e insegura. Diante disto, a mãe de Natalia se exalta, mandando Dra. Frida não falar assim de sua filha. E então as duas se abraçam, mas logo passam a se ridicularizarem novamente.

O episódio “O Complexo de Édipo” se inicia com um retrato de Sigmund Freud na sala onde a personagem principal, Natalia, faz terapia, enquanto toca a música “We will rock you”, fazendo uma sátira com a análise freudiana. Neste episódio, Natalia faz uma escolha em um bar e vai até sua mesa. O homem escolhido não dá a mínima para a personagem e ela acaba por descobrir que ele está bebendo, pois teve uma discussão com a mãe. Natalia relata novamente ter um péssimo relacionamento com a mãe. O homem diz que acha sua mãe a pessoa mais incrível de todas e também conta a Natalia que seu nome é Édipo (Dra. Frida conta à Natalia a história de Édipo).

No 3º encontro, Édipo deixa escapar a palavra "mãe" no momento do sexo. Intrigada, Natalia decide investigar a origem do ato falho e conhece a "sogra". No momento do encontro entre as duas, a mesma música do início do episódio volta a tocar. Natalia fica deslumbrada por como a sogra se veste, dizendo que ela é a melhor mãe do mundo. Enfim, Édipo resolve terminar o relacionamento com Natalia de uma maneira sarcástica como se ela tivesse lhe roubado sua mãe, e como se sua mãe estivesse o traindo com Natalia. A personagem descobre que a sogra fazia amizades com todas as namoradas de Édipo e ela fica com ciúmes. No fim das contas, a sogra vai embora e o namorado faz um gesto como se tivesse ganhado a batalha e ela diz “volta, mãe”. Natalia conta à terapeuta Dra. Frida que a sogra é a mãe que ela nunca teve e a pessoa que ela gostaria de ser, mas nunca será.

De maneira caricata e irônica, o episódio retrata a sogra de Natalia como seu total oposto, tanto na questão da fisionomia quanto na maneira de se portar. Além disso, vê-se uma paixão incestuosa do personagem Édipo em relação à sua mãe. Desse modo pode-se formular a hipótese de que o relacionamento não segue adiante, pois tudo indica que o homem não abdicou desta paixão pela mãe; assim como diz a teoria, é a partir desse “abandono” da figura materna, que o homem pode virar-se para outros objetos de amor.

O seriado “Como Eu Conheci Sua Mãe” (título original: “How I Met Your Mother”) gira ao redor da vida de Ted e seus amigos Robin, Lily, Barney e Marshal. Ted é quem narra o seriado e conta aos filhos as histórias e aventuras que o levaram a conhecer a mãe deles, vinte e cinco anos antes. O episódio “Noretta” retrata a tentativa de Barney, o mulherengo da turma, de ter a primeira relação sexual com Nora (sua namorada). Juntamente com isto, aparece a insatisfação de James (irmão de Barney) com o namoro do irmão, pois a garota é “a nossa mãe”, isto é, ela é extremamente parecida com a mãe deles. De acordo com James, tudo o que Nora faz é igual ao que a

mãe deles fazia. Ele destaca alguns pontos como: o sotaque britânico, o jeito que ela abraça Barney com a mão esquerda na nuca e acariciando três vezes com a mão direita suas costas, a fala “Adivinhe, docinho, tenho um tratamento especial para você hoje”. Após contar isto para os amigos, James vê a cena do casal se beijando e, em vez de ver Nora, ele vê sua mãe. Ao ouvir o que o amigo diz, Kevin, psicólogo afirma: “psicologicamente falando é normal ficar com alguém que pareça com seus pais. Graças à minha mãe eu vou ficar com alguém que ame mais meu irmão do que eu.”.

Sem conseguir tirar isto da cabeça, Lily vê semelhanças entre seu pai e seu namorado, Marshall, pois o mesmo a convida para um jogo de tabuleiros com empolgação (do qual ela não gosta) mostrando gostar muito deste tipo de jogo, assim como seu pai; passa a imaginar algumas cenas de intimidade com o namorado, só que com o rosto do pai, o que lhe causa repulsa, estragando um momento romântico com Marshall. Ao contar à Marshall o que está acontecendo com ela, este lhe afirma que esta teoria é loucura, pois sua mãe mede 1,91m, compra roupas de farmácia e prefere caçar sua comida. Dito isto, Marshall diz à Lily que a ama e ela não é parecida com sua mãe. Porém, posteriormente, Marshall pensa melhor no que Kevin tinha dito e se lembra de que o seu pai fazia lanches enormes de madrugada e dizia “lanchinho da madrugada” e fazia massagem no próprio pé e fazia barulhos como “oh yeah”, e Lily reproduz esses comportamentos de modo idêntico ao seu pai, o que o afeta sexualmente.

Os fatos da semelhança entre Nora e a mãe de Barney se intensificam no momento em que ele se sente mal pelo fato de a noite com ela ter dado errado, então ela canta a mesma canção de ninar para ele de um modo simplesmente idêntico ao modo da mãe dele cantar. O momento é dado de uma forma tão caricata que os produtores do episódio fazem uma montagem, colocando a mãe de Barney cantando de um lado e Nora de outro e o roupão que ambas usam é igual. E é quando Barney passa a reparar a semelhança extrema entre elas, não em questão de fisionomia, mas sim de traços. Ao final do episódio, Barney conta aos colegas que percebeu a semelhança entre a namorada e sua mãe, porém isto não atrapalhou seu momento de intimidade com ela. Além do mais, ele afirma que sua mãe é a melhor pessoa que ele conhece, e diz que “se Nora é só um pouco parecida, sou um cara de sorte”. E então Marshall e Lily também dizem que são pessoas de sorte, pois são namorados de seus pais.

Neste momento pode-se observar a escolha amorosa sendo influenciada pelas identificações dos personagens. Tudo indica que não necessariamente o homem vai em “busca” de uma parceira com traços da mãe, pois pode ocorrer de ir à “procura” de

traços do pai (inconsciente), vemos aí que a identificação pode ter ocorrido tanto com seu pai, quanto com sua mãe também, mostrando que o jogo de escolhas amorosas tem sua complexidade.

No filme “Sexo Sem Compromisso” (título original: “No Strings Attached”), Emma é uma mulher que não consegue construir um relacionamento sério com um homem, tem preferências por pessoas difíceis de serem conquistadas ou por pessoas que ela não poderia se interessar. Transparece uma mulher moderna, que impõe regras de como deve ser a relação a dois, ao mesmo tempo em que aparenta ser uma mulher defensiva em relação aos seus sentimentos. Adam é o típico homem garanhão ao mesmo tempo em que é sensível e carinhoso. Emma propõe a Adam que tenham uma relação íntima sem compromisso. Posteriormente, o envolvimento de ambos se torna mais sério, angustiando a personagem, ao passo que Adam não se interessa mais por este relacionamento aberto, afasta-se dela, fazendo com que ela se interesse realmente por ele.

É importante atentar para a relação que Adam possui com seu pai, que é bem sucedido, admirado por seus amigos e que possui relacionamentos com mulheres bem mais novas do que ele, e ao mesmo tempo não aceita sua condição de envelhecimento. Adam possui uma péssima relação com o pai, o que se agrava quando este inicia um relacionamento com sua ex-namorada. Adam pede ao pai para que ele se coloque em seu lugar, no sentido de que cresça e aparente ter comportamentos de pessoas de sua idade. Enquanto que Emma possui uma relação um tanto quanto inconstante com sua mãe. Emma aparenta ter ciúmes do fato de sua mãe ter outros relacionamentos, visto que ela é viúva. A personagem parece ter resolvido seu conflito com relacionamentos a partir do momento em que aceita o novo namorado da mãe, percebendo que esta também pode ser feliz. Assim como Adam, aceitando que o pai é um garanhão e conseguindo dizer a ele o que sempre quis. Assim, ambos podem se abrir para um relacionamento de fato.

Em “Terapia de Amor” (título original: “Prime”), Rafi é uma mulher de 37 anos que se separou recentemente, mas acaba se apaixonando por David de 23 anos. Rafi é apoiada pela terapeuta Lisa, o que ambas não sabem é que o homem de 23 anos por quem a sua paciente se apaixonou é, na verdade, filho de Lisa. David é um homem acomodado em ser tratado como uma criança principalmente pela mãe, a morar com os avós e a não se afirmar em sua profissão. O personagem inicia muitas frases com “minha mãe disse”, mostrando que não se libertou de definições sustentadas pela mãe.

Rafi o estimula a parar de repetir tal frase. Parece que Rafi é um modelo para David, já que é independente e sai em busca de seus objetivos, levando a crer que sua escolha amorosa é do tipo narcísica, evidenciado no fato de que procurou uma mulher que tivesse traços que este não possui, mas talvez queira para si. Ao mesmo tempo, o personagem parece manter a dependência emocional e a necessidade de aprovação que tinha com a mãe, agora com a nova namorada, reproduzindo o padrão de relação e escolha amorosa via traços maternos.

Por fim, alguns exemplos de charges também podem ser encontrados:



Imagem 1: <http://dosepraelefante.blogspot.com>



Imagem 2: <http://pachaurbano.com/>

A fim de provar o quão complexa é a questão da escolha amorosa, já que há uma montagem com traços dos progenitores, o seriado que será abordado mais a fundo será o “Two and a Half Men”, tendo em mente que certamente a ficção é diferente da vida real. A análise do seriado aborda a vida amorosa dos personagens Charlie, Alan e Evelyn. Em especial, serão examinadas encenações de dinâmicas sexuais. Inspiradas na

vida real dos sujeitos ou não, por mais que pareçam absurdas, foram identificadas recombinações do que Freud descreveu das implicações do complexo de Édipo na vida dos neuróticos. Assim, a análise mostra que as escolhas podem não ser sempre constantes, assim como o jogo de identificações.

A história se passa na cidade de Malibu situada no estado da Califórnia, nos Estados Unidos, onde vive Charlie Harper, um solteirão, mulherengo, sarcástico, irresponsável, bem-sucedido e mau-caráter que possui relacionamentos casuais e superficiais com diversas mulheres. Charlie é obrigado a abrigar seu irmão Alan Harper com o filho Jake Harper em sua casa, pois a ex-mulher de Alan pediu o divórcio. Alan é uma pessoa passiva, responsável, atrapalhada que perde todo seu dinheiro. Ele procura a aprovação de todas as mulheres de sua vida (principalmente sua mãe). Os dois possuem personalidades e modos de viver a vida totalmente diferentes, o que causa muita confusão e briga entre eles. Evelyn é a mãe de Charlie e Alan, bem-sucedida, controladora e narcisista, ela é tida por seus filhos como um “demônio”, sendo considerada culpada por todos os problemas de relacionamento deles com as mulheres. Evelyn nunca pareceu ser uma boa mãe, por ser sempre rude, sarcástica e distante, além de humilhar seus filhos de uma maneira cômica.

A vida amorosa de Evelyn é alvo de piadas em alguns episódios por já ter tido inúmeros namorados e alguns casamentos, algumas relações inconsequentes, relações homossexuais e outras motivadas por interesse financeiro. Charlie chegou a mencionar que sua mãe tinha azar com casamentos, já que todos terminaram em falecimentos, com exceção de um que morreu eletrocutado na banheira. As relações de Evelyn parecem incomodar um pouco seus filhos, por trocar rapidamente de parceiros. Pode-se perceber isto com os apelidos dados por Charlie aos seus namorados. A personagem Evelyn parece ter sido construída pensando em fazer com que seu lado mulher se sobressaia mais do que seu lado materno, causando possíveis consequências no modo como Charlie e Alan se relacionam com ela e também no modo como se relacionam com as mulheres.

Evelyn já relatou aos filhos que Charlie era o filho planejado e Alan foi fruto de uma noite de bebidas e descuido. Pode ser esta a razão de Alan tentar por várias vezes reconstruir sua relação com sua mãe (mesmo que ela sempre dificulte isto), procurando sempre sua aprovação e deixando sempre ela interferir em sua vida (de acordo com Evelyn, Alan é passivo assim como era o pai). Ao contrário de seu irmão mais velho, Charlie que é mais frio e aparenta ainda mais distância de seu relacionamento com a

mãe, ele parece sempre fugir da mãe assim como foge das mulheres que insistem em ligar em sua casa. No episódio “East on Sunset Until You Reach the Gates of Hell”, Charlie prova isto preferindo ir à Disneylândia (lugar que não lhe agrada) com o irmão e o sobrinho do que ficar sozinho com a mãe em sua casa. Por sua vez, Alan, em certo momento, afirma para Jake que é normal, quando se fica doente, querer ficar com a mãe, afirmação que Charlie trata com sarcasmo.

Pode-se dizer que Charlie e Alan nutrem uma péssima relação com a mãe. Ainda no episódio “East on Sunset Until You Reach the Gates of Hell”, os irmãos alcoolizados. Vão até a casa de sua mãe dizer que “a culpa é dela por Alan ser obcecado em agradar as mulheres e Charlie ter repulsa em relação à intimidade e problemas em confiar nas mulheres”. Em “Phase One, Complete”, Charlie conta a Jake que acredita que é culpa sua que tenha problemas de confiança em mulheres, devido ao relacionamento com sua mãe. Além de tudo, Charlie se desespera quando algum caso amoroso seu conhece sua mãe.

Os irmãos culpam-na de ter matado o pai deles, dizendo que ele morreu por contaminação quando eram pequenos. De acordo com Charlie, seu pai morreu porque desejava fugir de sua mãe. O pai ocupa um papel importante para Charlie, no episódio “Merry thanksgiving”, Charlie deseja trincar o peru do Dia de Ação de Graças, pois é o dono da casa. Evelyn o humilha ao dizer que ele não sabe trincar peru e o compara com o pai em um sentido negativo, deixando o filho nervoso a ponto de dizer que seu pai tinha medo dela, mas ele não (ele gagueja). Charlie grita com ela dizendo que todas as vezes que ela pegava a faca da mão de seu pai, ela tirava sua masculinidade, e que ela não fará com ele igual (e corta o peru bruscamente). Após esta cena, o protagonista afirma que possuía mesmo uma pendência com a mãe a ser resolvida.

Ainda sobre o pai, no episódio “The sea is a harsh mistress”, Charlie se afoga no mar e acredita ter visto seu pai e que o mesmo lhe disse: “Cuide da sua mãe”, e este recado causou certo abalo em Charlie, fazendo com que ele tentasse mudar seu comportamento com a mãe. Charlie marca um almoço com a mãe, mas Alan afirma que não irá, mas logo muda de ideia quando Charlie o ameaça dizendo que contará ao pai da próxima vez que “for vê-lo” (pai fazendo a função de interdito/ordem - superego). Alan se chateia pelo fato de o pai não ter perguntado dele (sua mãe lhe conta que foi porque Alan não foi planejado, o que o deixa ainda mais desconfortável). Ao saber que seu filho viu seu ex-marido, Evelyn trata com desdém suas lembranças sobre ele dizendo que ele era inútil do pescoço para baixo. O irmão mais velho tenta cumprir a ordem do

pai, mas é muito difícil para ele, já que a mãe rebate e ridiculariza tudo o que ele faz e diz. A morte de seu pai volta a ser trazida neste episódio quando Charlie se pergunta o motivo de o pai ter lhe convocado para cuidar da mãe, ele ressalta: “como se ela tivesse cuidado dele. Ela o censurou, o humilhou, o emasculou. Ele morreu muito jovem porque ele quis.”. Assistindo um filme com a mãe Evelyn, Charlie acredita ter encontrado a resposta para sua pergunta quando ouve uma conversa entre os dois personagens da TV, que dizem:

- “A dama sabe demais.”;
- “Quer que eu cuide dela, chefe?”;
- “É, cuide dela. Mas faça parecer um acidente.”;
- “Não se preocupe com nada. Eu cuido dela.”.

Diante disto, Charlie afirma ter entendido errado o recado e fica risonho por não precisar mais cuidar dela no sentido carinhoso, mas sim no sentido de matá-la. Os episódios mostram o rancor de Charlie em relação à mãe pela morte do pai, já que, de acordo com ele, ela nunca foi uma boa esposa, assim como ela nunca foi uma boa mãe. A cena de Charlie se colocando frente à mãe para trincar o peru e conseqüentemente não deixando que ela “tire sua masculinidade” é muito importante, porque aparentemente ela tenta isto todo o tempo ridicularizando-o, assim como fazia com o ex-marido.

No episódio “We Called It Mr. Pinky” Alan diz a Charlie que ele não gosta de mulheres, enquanto que este diz ao contrário: diz amar as mulheres, mas somente para relações íntimas. Rose, uma perseguidora e vizinha de Charlie, que é psicóloga, lhe diz que ele ainda está tentando resolver questões edípicas e ele vai à procura do significado do termo. De acordo com o protagonista da série, o complexo de Édipo é uma doença e o encontra desta forma: “Sentimentos sexuais inconscientes e não resolvidos pela minha mãe”, diante disto, Charlie afirma que não é verdade que possui isto, pois despreza sua mãe. De acordo com ela, ele nunca conseguirá ter uma relação de amor com nenhuma mulher, a não ser que ele resolva seus sentimentos pela mãe.

Enquanto ele e sua nova “namorada” estão em um momento íntimo, Charlie se assusta ao ver no rosto dela, sua mãe Evelyn, o que faz com que ele fracasse sexualmente e fique impotente. Ele vai até a casa da mãe resolver esta questão e diz: “Mãe, aprendi sobre relacionamentos de ver você. E sabe que lições doentias aprendi? Aprendi que homens que se envolvem emocionalmente são pisados, aprendi que homens que se casam são emasculados, aprendi que a melhor forma de não se magoar é

fingir que não tem coração”, diante disto Evelyn (que não aparenta estar ligando para o que Charlie diz) afirma: “Querido, estou sentindo muito orgulho de você nesse momento. Pela primeira vez eu olho para você e me vejo.”. E então, Charlie se olha no espelho e vê a sua mãe com suas roupas. Charlie entra em uma crise de identidade e é hipnotizado por Rose, como forma alternativa de terapia.

Neste episódio Charlie consegue explicitar ao público algumas razões de sua frieza emocional com relação às mulheres de sua vida. Charlie se identifica com a mãe neste momento, já que nas relações amorosas que sua mãe constrói, ela desconstrói muito rapidamente se necessário, mantendo-se em posição de superioridade. Aqui, acima de tudo, pode-se citar a relação que sua mãe possuía com o pai de Charlie: Evelyn humilhava o pai de Charlie, o considerava sempre como inútil. Aqui coloca-se o complexo jogo de identificações: Charlie ao mesmo tempo em que possui, neste episódio, um traço adquirido por identificação com a mãe (assim como ela, ele se mostra “não ter coração”), possui outro por identificação com o pai também (toma para si o suposto sofrimento de seu pai por uma mulher – mãe de Charlie - fazendo com que não queira se envolver emocionalmente e afetivamente, mesmo observando que isto lhe causa sofrimento, o que é visto em alguns episódios quando ele se esforça para conseguir, pontuando sua impossibilidade de fazer isto ocorrer). Um acontecimento não impede que o outro ocorra; alguém pode se identificar com ambos ao mesmo tempo, já que tal dinâmica se dá no inconsciente, não obedecendo à lógica racional da consciência.

“Something Salted and Twisted” retrata a necessidade de Alan em agradar as mulheres. Alan convida a família para comemorar que saiu em um anúncio sobre sua atuação profissional, mas sua mãe não liga para isto e Alan se sente fracassado. Em um momento com o irmão ele afirma: “Passei a minha vida toda tentando agradar a mamãe, fazer ela se orgulhar de mim. Mas chega. Eu sou um puxa-saco patológico, mas mais precisamente, agrado às mulheres. Com a mamãe, com a Judith (ex-esposa), com todas as mulheres que eu conheço, eu me dei mal tentando fazer com que gostem de mim. Minha educação, meu trabalho, minhas roupas, meu comportamento, tudo escolhido apenas para as mulheres me aprovarem e elas não me aprovaram. Mas eu vou mudar.”. Os dois irmãos vão a um bar na noite seguinte e Charlie pede que Alan lhe diga qual das mulheres do bar ele acha mais atraente. Ao reparar em todas, Alan escolhe a única que o humilha com o olhar, desprezando-o, enquanto que todas as outras correspondem ao seu olhar. Charlie lhe mostra isto, mas Alan não consegue perceber, e mesmo assim vai

conversar com ela, que não dá a menor chance para ele. É perceptível que Alan tenta mudar o modo de tratar as mulheres com a ajuda de Charlie, mas ele fracassa.

Sobre o personagem Alan, de fato parece que foi construído pressupondo-se uma identificação com o pai. Como já dito na série, o pai de Alan era passivo, assim como ele. Suas escolhas amorosas parecem ser sempre mulheres a quem ele tenta agradar (assim como faz com sua mãe), mulheres que não lhe deem atenção ou alguém que lhe humilhe, também como sua mãe faz com ele e fazia com o pai dos personagens. Por estes motivos, diz-se que prevalecem traços maternos em suas escolhas de parceiras. Além disso, é importante relatar também que Alan, em relação às suas parceiras, parece ter a necessidade de procurar ter o afeto que possivelmente sua mãe não lhe proporcionou.

Novamente em “Phase one, complete”, pode-se perceber que Charlie se angustia ao imaginar ter uma relação mais séria com alguém, ao ver que uma mulher com quem teve relações íntimas está em sua cozinha fazendo café da manhã para eles. Charlie, neste momento, demonstra receio por certa submissão de sua parte (sua namorada estar dentro de sua cozinha manuseando algo nesta lhe causa repulsa). Em “Bad news from the clinic”, Charlie se apaixona por sua versão feminina: egocêntrica, narcisista e aversiva a relacionamentos sérios. Ela parece não se interessar em se relacionar seriamente com Charlie, comanda a relação deles (como pagar o jantar, decidir quando ele vai embora de sua casa), o que faz com que o protagonista da série se mantenha preso nesta relação (já que parece que permanece ligado à uma relação quando é dominado e não o dominador – tal como seu próprio pai), dizendo estar saindo consigo mesmo. Esta escolha amorosa de Charlie parece estar relacionada com o tipo de escolha amorosa narcísica.

Já em “Apologies for the frivolity”, Charlie se apaixona por Lydia, uma versão exatamente igual à Evelyn, sua mãe. Sofisticada, sarcástica, agressiva e narcisista, e que ainda se veste exatamente como sua mãe e possui a mesma profissão dela. As duas personagens são tão idênticas que o episódio acaba tornando muito caricata a questão da escolha amorosa e sua relação com o complexo de Édipo. Ele a apresenta para seu irmão, seu sobrinho e sua empregada (considerada praticamente da família), o que causa espanto em todos pela extrema semelhança com Evelyn, fato que Charlie não percebe inicialmente e passa a negar e se defender. Lydia humilha e trata com desprezo Alan e Jake, assim como Evelyn faz, além disso, mantém uma posição de superioridade frente à relação íntima dela com Charlie, dizendo a ele que poderia ser melhor, causando

desconforto e irritação nele (assim como os sentimentos que sua mãe lhe causa). Neste episódio, os diretores parecem fazer um contraste entre as duas personagens: em uma cena, Lydia implica e trata com sarcasmo o pedido de Charlie no restaurante em que estão; exatamente na cena posterior, Evelyn trata do mesmo modo o que Jake está comendo. Quando as duas se conhecem, há novamente um efeito caricato, elas se cumprimentam com a mesma postura (mão na cintura e nariz arrebitado), e passam a “alfinetar” uma a outra; além disso, passam a corrigir tudo o que Charlie faz e diz.

Charlie começa a perceber algo de estranho quando se vê pensando em sua mãe como uma mulher “mais sexy do que sua namorada”, além de se perguntar à Rose: “por que eu me envolveria com uma mulher que lembrasse ainda que vagamente o monstro que me assombra?”, ao ouvir isto, Rose lhe dá um livro “Édipo Rei”. Tudo passa a mudar quando Lydia leva seus dois filhos (vestidos iguais a Alan e Charlie, fazendo com que os dois meninos façam referência aos dois irmãos, quando eram mais novos) à casa de Charlie. Ela os humilha na frente de Charlie e sua família, o que faz Charlie olhar para Alan e se sentir totalmente mal, como se o modo como Lydia trata seus filhos lembrasse o modo como Evelyn os tratava quando eram crianças (que era exatamente humilhá-los). Lydia comete atos iguais aos que Evelyn faz – compara as crianças com seus pais: “Você não quer virar uma rolha de poço como o seu pai.”, repreende-os o tempo todo: “Essas camisas são novas e caras, se mancharem, não precisam nem voltar.”. Ao ver e ouvir isto, Charlie fica perplexo e se lembra de sua infância, mas mesmo assim continua tendo relações sexuais com ela.

Aqui, tudo indica que Charlie se procura alguém com traços como os da mãe (mesmo que de uma maneira tão caricata). Lembrando que Charlie pode se identificar com a mãe ao mesmo tempo em que pode escolher alguém com traços dela. Um fato não anula o outro, já que pode haver certa identificação do personagem para ser gratificado pela mãe, para possuir seu amor (e assim ele é como ela); ao passo em que pode se identificar com ela para uma escolha sexual.

É necessário pontuar que Charlie, embora tenha questões com envolvimento afetivo e emocional com uma mulher, parece abarcar em alguns episódios/cenas sua angústia em não conseguir se envolver, sua angústia de não conseguir saber muito bem o por que disto. Ao mesmo tempo, vê-se que o personagem se esforça para que consiga quando parece gostar mesmo de uma parceira sua (mesmo que seja para provar a si mesmo que ele é capaz, já que todos duvidam de tal fato). O episódio no qual Charlie passa a se envolver de uma maneira mais séria com uma nova mulher chamada Chelsea

é um exemplo de que ele parece se relacionar com as mulheres ora de modo ativo (como sua mãe) e ora de modo passivo (modo de submissão, já que seu modelo de mulher parece ser uma mulher dominadora). Para exemplificar isto, vê-se que de fato, Chelsea mantém sua relação com Charlie (que dura uma temporada inteira) dominando-o, o obrigando a deixar de fazer o que gosta, como por exemplo: deixar de beber, deixar de comer carne, deixar de receber mensagens de ex-namoradas, deixar de fumar charuto, entre outros. Mesmo que ele seja impedido de fazer o que gosta, isto o mantém preso a este relacionamento por muito tempo (eles quase se casam).

É necessário ressaltar um fato importante: ao caminhar da série, o protagonista, Charlie, se retira, ocasionando a entrada de um novo personagem e protagonista: Walden Schmidt, um homem romântico e infantilizado que inicia sua parte na série no momento em que a esposa lhe pede o divórcio. Ele acaba conhecendo Alan em uma tentativa sua de suicídio e acaba ficando na casa de Charlie e posteriormente comprando-a. A esposa de Walden era uma mulher essencial na sua vida: cuidava dele como se fosse seu filho e aceitava suas vontades (Walden inclusive fazia manhas como criança para ela). Ao receber os papéis do divórcio, Walden fica abalado mesmo que demonstre ter superado; percebendo isto, Alan recomenda a ex-terapeuta de Charlie para ele, que aceita conversar com ela.

Questionado sobre sua infância por Dra. Freeman, Walden relata que sua infância foi ótima e só teve ótimos momentos; que seus pais são separados, mas que ele não queria falar sobre isto. Segundos após isto, o protagonista aceita contar para a terapeuta: o pai desapareceu em um truque de mágica (neste momento pode-se afirmar que ele trata em um tom humorístico o fato de o pai ser distante, o que pode ser que lhe cause certo incômodo ao falar), mas que foi nos seus quatro anos de idade que seu pai fugiu com uma mulher, deixando ele e sua mãe sozinhos. Diante disto, Walden conta que sua mãe lhe criou sozinha e que isto era ótimo, pois ele se sentia seguro com ela e que ela fazia tudo por ele, era maravilhoso.

Além disso, o personagem conta à terapeuta que o dia mais triste de sua vida foi quando ‘isto’ acabou, este momento, diz ele, foi quando ele se casou. Dra. Freeman pergunta sobre sua esposa (ou ex-esposa), sendo surpreendida por exatamente a mesma resposta: “Ela é ótima, fazia tudo por mim e eu me sentia seguro com ela.”. De imediato Walden percebe a semelhança em sua fala e afirma: “Não foi isso que falei da minha mãe? Se analisarmos bem, eu me casei com a minha mãe. “Então eu sempre tratei Bridget (ex-esposa) como minha mãe e não como esposa.”. Contando à Alan o que

havia percebido, ele diz: “Parece que todos esses anos eu tenho tentado duplicar os bons sentimentos que tive pela minha mãe com minha mulher.”. Ilustrando novamente a tamanha importância do tema, foi visto que este assunto persiste em aparecer mesmo que o personagem/protagonista mude. Há uma repetição do tema, mesmo que de diferentes modos de abordar, ou seja, de acordo com a problemática dos personagens.

No seriado pôde-se observar a montagem com traços identificatórios que implicam em uma escolha amorosa de um modo ou de outro. Além disso, vê-se que a necessidade dos personagens em tratarem com humor os assuntos de suas relações com a mãe, com o pai e com as mulheres, pode ser explicada pelo fato de que ambos os assuntos não são fáceis para os personagens abordarem simplesmente, já que as relações com a mãe e com as mulheres, como foram explicitadas aqui, são conturbadas e causam aos personagens certa angústia (assuntos difíceis de serem elaborados e recordados), esta que pode ser demonstrada, entre outras maneiras, via humor. Assim como foi difícil para Charlie perceber que uma de suas namoradas era sua “versão feminina” e outra era a “versão mais nova de sua mãe”, além de ter sido complexo e pesado de aceitar estas suas escolhas (negando sempre que fazia esta escolha e a semelhança dele – no primeiro caso – e da mãe no segundo caso). Da mesma forma que foi difícil para Alan aceitar e saber lidar com o fato de que procura a aprovação de todas as mulheres de sua vida, além do fato de que sua atenção se volta justamente para mulheres que lhe desprezam simplesmente com o olhar.

Os personagens foram construídos pensando em suas respectivas dinâmicas, ao mesmo tempo em que podem variar de posições porque as identificações não são sempre as mesmas, mostrando as diversas formas de escolha amorosa dos personagens da série. Os episódios têm vida própria, ou seja, ao mesmo tempo em que os episódios podem não ser sequenciais (a continuidade pode não ser absoluta e pode ocorrer, como foi visto, uma mudança nos traços do objeto de amor), os personagens possuem uma história sendo desenvolvida, sendo mais apontados alguns aspectos dos personagens (ou traços de caráter destes) do que outros e, isto acontece já que cada um possui sua história pessoal. De modo humorístico, o seriado aborda questões não muito fáceis de aceitar ou perceber, tais como a escolha amorosa relacionada com o complexo de Édipo de cada um. Assim sendo, este pode ser um dos motivos pelos quais o público se identifica com os personagens e com a própria série.

DISCUSSÃO

O presente trabalho partiu da premissa de que a conflitiva edípica é um dos aspectos que influenciam a escolha amorosa dos sujeitos. O narcisismo primário é um estado de completude pelo qual o bebê passa no início de sua vida. Neste o bebê possui um estado de plenitude, e as pulsões buscam a satisfação no próprio corpo. Assim, é com a escolha primária de objeto que se dará início a história das escolhas amorosas do sujeito. Esta escolha do objeto primário de amor é a mãe e com esta é construída uma relação simbiótica, uma vez que a relação nos primeiros momentos de vida da criança é constituída com o objeto responsável pela conservação de sua vida, o qual a satisfaz plenamente. A partir deste momento o sujeito vai se constituindo sexualmente, porém, ao mesmo tempo em que a criança precisa abandonar tal relação de simbiose com a mãe para se constituir, ela permanece na busca do retorno deste momento de narcisismo primário, que traz a sensação da completude. O estado de satisfação primária do sujeito nunca é esquecido, é sempre buscado nas relações amorosas que terá ao longo de sua vida, há sempre o desejo do retorno de seu narcisismo primário abandonado.

Com o surgimento da primazia do falo, a falta é instaurada colocando em cheque a posição de completude da criança. É neste momento que se inicia o complexo de Édipo para os meninos. Momento no qual o menino rivaliza com o progenitor do mesmo sexo e possui como objeto de desejo o progenitor do sexo oposto. As meninas entram na conflitiva edípica com a instauração do complexo de castração e antes disto passa pelo momento pré-edípico. Com o complexo de castração, ambos devem renunciar aos pais como objetos de desejo (devido ao interdito do incesto), internalizam as normas do pai e identificam-se com eles. Além da relação com a mãe, o complexo de Édipo é um fator importante nas escolhas, em relação a este trabalho é o fator mais importante que se buscou retratar.

As crianças devem se desvincular de seus objetos infantis incestuosos para que possam se inserir no âmbito social. O afastamento deste objeto incestuoso de amor permite que o sujeito seja capaz de se voltar pra objetos de amor possíveis. Além disso, ao abandonar o complexo de Édipo, renunciando aos pais como objetos de amor, a criança sai com identificações e são construídos seu ideal de ego e seu superego. O sujeito, assim constitui seu ego, possibilitando que se desenvolva. O sujeito só é capaz de se apaixonar se for capaz de se desvincular das figuras parentais, mesmo que seja através destes relacionamentos amorosos possíveis que o sujeito revive seus objetos de

amor infantis. A relação do sujeito com os objetos que lhe causam prazer é tida como a origem do amor, esta relação se liga às formas de escolha objetal que são a anaclítica e a narcísica. A escolha anaclítica diz sobre o modelo das figuras dos pais, na qual se busca a mãe que amamenta e o pai que protege; já a escolha narcísica diz sobre uma catexia ligada ao próprio ego, se projeta em um outro o que se é, o que gostaria de ser, fazendo com que o objeto seja parte do sujeito. Apesar de ambas as formas, pode-se concluir que tais escolhas se relacionam e reeditam as primeiras experiências de amor do sujeito.

O sujeito busca traços das figuras parentais no objeto. É via idealização que ele busca reencontrar indiretamente sua satisfação narcísica, o objeto de amor se torna depositário do ideal de perfeição que o sujeito não pode atingir além do fato de o amor ser tido como uma tentativa idealizada de restaurar aquele estado de plenitude. A idealização ocorre pela procura em aproximar o novo objeto do objeto primário, visando assim uma tentativa de resgate do estado de narcisismo primário. Foi visto que no momento da escolha amorosa as vivências edípicas são atualizadas, a repetição acontece de forma que o sujeito modifique de diferentes formas, já que é o sujeito do inconsciente – único e singular. Além disso, o sujeito internaliza o que lhe foi transmitido, reconstruindo à sua maneira, a relação com os progenitores toma um ponto central também, na medida em que o sujeito parece repetir tais relações (com suas mudanças) com seus “novos” objetos de amor, os adultos amam a partir de padrões que foram estabelecidos a partir de sua infância. Assim, todos esses aspectos se presentificam no momento da escolha amorosa, o sujeito revivencia as questões pré-edípicas e edípicas. Ele não reproduz simplesmente, mas revive do seu modo tais momentos através de sua representação

Ao longo da análise dos seriados juntamente com a questão do humor, algumas questões foram colocadas. A concretização da ideia de que as escolhas amorosas realmente não se dão ao acaso, possuindo origens que as constituem de modo único para cada pessoa, visto que o inconsciente é singular. A complexidade da escolha é colocada como um ponto importante, pois, de acordo com os casos citados do seriado “Two And a Half Men”, foi percebido que o sujeito pode transitar pelas identificações e fazer escolhas diferentes umas das outras. A questão identificatória não é algo simples, é uma montagem de traços das figuras parentais. Além disso, em determinado momento, o sujeito pode se identificar com um progenitor e fazer sua escolha pautada em traços do outro, ao mesmo tempo em que isto pode se inverter, ou ainda fazer de um progenitor sua identificação e escolha amorosa. A saída do complexo edípico caracteriza o

renúncia da catexia dos objetos de amor incestuosos, porém com esta saída os sujeitos levam consigo uma bagagem destas figuras parentais e ressignificam-nas, tais como o ideal de ego, o superego, além das identificações.

Portanto, foi da perspectiva deste trabalho, focar mais no âmbito heterossexual da escolha amorosa, deixando-se em aberto a possibilidade de dar continuidade ao trabalho tratando das questões das escolhas amorosas homossexuais de maneira mais ampla. Tendo em vista a questão do humor na análise do seriado “Two And a Half Men”, a compreensão do leitor pode ser levada para caminhos afastados dos quais se quis mostrar. É importante lembrar que os personagens abordados nesta série são diferentes dos pacientes da psicanálise, portanto analisá-los não é uma tarefa tão simples, porém, ainda assim, trata-se de um retrato do sujeito do cotidiano. A partir das questões levantadas e de suas respectivas respostas ao longo do trabalho e também no momento da discussão, as conceituações foram bem elaboradas no momento da análise da série. Os conceitos abordados no trabalho são de profunda complexidade e profundidade, motivo pelo qual foi requerido bastante cuidado ao fazer análises.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, C.M.; *Escolha amorosa: da repetição à transformação*. Rio de Janeiro, 2003. 77p, Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).

ANDRADE, R.G.; PINHEIRO, M.G.T.; Leitura psicanalítica da publicidade amorosa. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v.4, n.2, p. 296-312, 2004.

BESSET, L.V.; *Luto e angústia: questões em torno do objeto*. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology On Line*, São Paulo, v.4, n.2, p. 185-192, 2007.

FÉRES-CARNEIRO, T.; *Escolha amorosa e relação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade: um estudo sobre namoro, casamento, separação e recasamento*. In: FÉRES, CARNEIRO, T. (org.); *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal*. Rio de Janeiro: Xenon, 1996, p. 71-100.

FERREIRA, E.P.; *A separação amorosa: uma abordagem Psicanalítica*. *Psicanálise & Barroco em revista*, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p. 56-97, 2010.

FREUD, S (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006

FREUD, S (1910). Um tipo especial da escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à Psicologia do amor I). In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1912). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à Psicologia do amor II). In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1914). Sobre o Narcisismo – uma introdução. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1915[1914]). Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da Psicanálise III). In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1917[1916-17]). O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1918[1917]). O tabu da virgindade (contribuições à Psicologia do amor III). In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1923). O ego e o id. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1923). Sobre A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1924). A dissolução do Complexo de Édipo. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1925). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1927). O Humor. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S (1933[1932]). Feminilidade. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

- GIL, A. C., *Como Elaborar Projetos de Pesquisas*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JUNIOR, N. E. C.; A noção de objeto na psicanálise freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.37-49, 2001.
- KUPERMANN, D. Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 193-207, jun.2010.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos Metodologia científica*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LEITE, J. C. T.; Dimensões do amor. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, v.8, n.1, 2005.
- LIMA, D. M. O. Pontos de vista sobre o humor: Pirandello e Freud. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/cogito/v6/v6a21.pdf>> Acessado em: 06 fev.2012.
- LOPES, M. M. F (1952). *Conceito de amor em Psicanálise*. São Paulo: Centauro, 2009.
- MEZAN, R. *Freud: A Trama dos Conceitos*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- MIGUELEZ, N. B. S. *Complexo de Édipo hoje: novas patologias, novas mulheres, novos homens*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- NASIO, J-D (1994). *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- NASIO, J-D (2005). *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- QUINODOZ, J. M. *Ler Freud: Guia de leitura da obra de Sigmund Freud*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SODRÉ, F.M. *Relacionamento amoroso: a busca do parceiro ideal para preencher um vazio*. São Paulo, 2003. 98 p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

TOLEDO, M.T.; *Psicanálise: a clínica do amor, um estudo sobre a relação entre o ideal de amor romântico e a criação do saber psicanalítico*. Rio de Janeiro, 2002. 133p, Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).